

Berço da Congregação-Nîmes



Casa Geral-Paris



AS OBLATAS DA ASSUNÇÃO

Religiosas Missionárias

Que venha o Teu Reino!

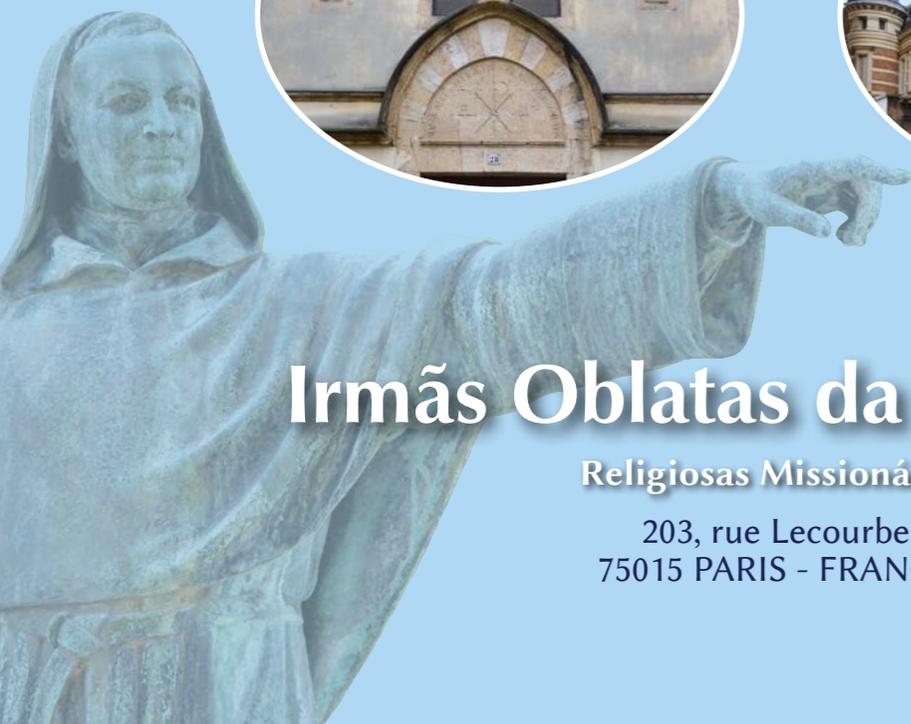
QART

*Eis-me aqui
envia-me!*

Irmãs Oblatas da Assunção

Religiosas Missionárias

203, rue Lecourbe
75015 PARIS - FRANCE





1 - Ecrits Spirituels
p. 693; 276

Da esquerda
para a direita:

- África,
Burkina Faso
- Am. Latina,
Paraguai
- Ásia,
Coreia
- Europa,
Romênia

AS OBLATAS DA ASSUNÇÃO

**Que venha o Teu Reino!
Eis-me aqui, envia-me!**

*“O Reino de Cristo é a maior das causas,
é necessário dilatar as inteligências e os corações na grande causa de Deus.
É necessário abrir os horizontes... acender as chamas... manter o zelo
de acordo com o espírito da nossa Congregação... formar santos.”*

Padre Emanuel d’Alzon, 1876¹

“Decidimos não traduzir os títulos dos livros nas notas, pois os documentos aos quais elas fazem referência não existem em língua Portuguesa.”

Oblates
ASSUMPTION
RELIGIEUSES MISSIONNAIRES

ÉDITIONS DU SIGNE

INTRODUÇÃO

“Com este percurso histórico, fazemos uma homenagem, não apenas para fazer memória mas também para transmitir a herança preciosa de nosso carisma e de nossa espiritualidade às gerações de hoje e de amanhã. A paixão para tornar conhecido e amado Jesus Cristo, a paixão pela Unidade e o serviço aos mais pequenos e desfavorecidos nos impulsionam a continuar avançando “para além dos mares”.



*Irmã Georgette-Marie Fayolle,
Superiora geral (1975-1993)
no Congo*

Após 150 anos, a semente caída na terra no dia 24 de maio de 1865 produziu muitos frutos.

Presentes hoje em 25 países e quatro continentes, as Oblatas caminham com os homens e as mulheres do seu tempo. Elas vivem com simplicidade, alegria e dinamismo missionário a serviço do Reino de Deus.”

« **Que venha o Teu Reino!** »
« **Eis-me aqui, envia-me!** » (Is.6,8)



*Irmã Claire Rabitz,
Superiora geral (1993-2011)
no Vietnam*



*Irmã Felicia Ghiorghies,
Superiora geral (2011 - ...) na Tanzânia*

*Irmã Felicia GHIORGHIES
Superiora Geral*



A Ponte do Vigan



Fontes batismais – Igreja São Pedro no Vigan



1

A INFÂNCIA E A JUVENTUDE DE EMANUEL DAUDÉ D'ALZON

1810-1832

“Tudo o que eu considerava como lucro...” (Filipenses 3,7)

Emanuel nasceu no dia 30 de agosto de 1810, no lar do visconde André-Henri Daudé d’Alzon e de sua esposa Marie-Jeanne-Clémence de Faventine-Montredon, na Condamine, mansão da família em Le Vigan, perto de Nîmes. Ele gosta deste dia 30 de agosto, porque é o dia em que a Igreja festeja Rosa de Lima, uma santa da qual ele se sente próximo.

No entanto, o aniversário preferido de Emanuel², não é o do seu nascimento, mas o do seu batismo, no dia 2 de setembro, dia em que se tornou filho de Deus e da Igreja, na paróquia do Vigan: é este novo nascimento, seu nascimento à vida da graça, que lhe importa mais que o seu nascimento segundo a carne, mais ainda que a sua pertença à aristocracia das Cévennes.

No brasão da família Daudé d’Alzon, podemos ler estas palavras em Latin *Deo dati*, uma divisa que diz muito sobre a escolha ancestral: “dar-se a Deus” para defender os direitos de Deus. O brasão representa um leão, levando uma flor de lírio dourada, e encima, uma coroa, tudo se destacando sobre um fundo de sangue. A personalidade que Emanuel herdou dos seus pais se assemelha à imagem deste brasão: Emanuel é naturalmente cheio de entusiasmo e de impaciência, com um temperamento ardente, impetuoso e cavalheiresco; mostra-se generoso na adversidade, sempre pronto a sacrificar- se no combate.

Quadro “O menino e o pássaro” pintado por Marie-Pauline Le Brun, no dia 20 de setembro de 1824

Que venha o Teu Reino!
Eis-me aqui, envia-me!

2 - Cf. P. Siméon Vailhé, Vie du P. E. d’Alzon, T. I, p. 2

André-Henri Daudé d’Alzon (1774-1864)

Marie-Jeanne-Clémence de Faventine-Montredon, viscondessa d’Alzon (1788-1860)



Brasão da Família d’Alzon



Castelo de Lavagnac

Bastará substituir a flor de lírio pela Cruz, para compreender então, como este zelo natural, saberá um dia orientar seu ardor em vista da única coisa que, aos seus olhos, valha realmente a pena: a vinda do Reino de Deus! “Que Venha o Teu Reino!” Esta é a respiração da sua alma: que o senhorio de Cristo venha sobre esta terra, como no Céu, que ele venha nos corações e nas almas! Sim, Emanuel faz parte destes “violentos que se apropriam do Reino”³, e dos quais fala Cristo.

É no castelo de Lavagnac, perto de Montpellier, que a sua família se instala em 1816. Ali, Emanuel viveu a sua infância, uma infância onde se sente talvez demasiado protegido pelo seu educador, como o deixou compreender mais tarde: “Em geral, sou pouco a favor da educação em estufa quente...”

É lá, em todo caso, que ele começa a receber a boa educação que fará dele este homem culto e cheio de gentileza que se tornará.

Quando seu pai foi eleito deputado do Departamento do Hérault e decide ir morar à Paris com sua família, Emanuel tem treze anos: prossegue a sua escolaridade no colégio São Luís, boulevard São Michel, e depois num colégio particular: Estanislaou. Lá, neste meio parisiense em plena efervescência, o adolescente vai pouco a pouco criar vínculos de amizade com jovens intelectuais católicos que querem ser ativos na sociedade, tais como Frédéric Ozanam, Henri Lacordaire, Charles de Montalembert, para citar só os mais



conhecidos. Emanuel tem um sentido aguçado das relações humanas, o seu contacto é fácil, por isso convive neste meio intelectual com muita facilidade. De seu pai, herdou igualmente uma sensibilidade para a política certa: atento aos necessitados, queria poder contribuir para que a Igreja se aproximasse das camadas sociais que estão afastadas. É neste contexto que ele conhece um jovem padre, que terá sobre ele uma influência decisiva, o Abade Félicité de Lamennais, para quem a ambição é precisamente reconciliar a Igreja com o mundo moderno, e liberar o catolicismo francês de suas ataduras monárquicas.



Na aurora da sua maturidade, Emanuel procura como se comprometer no mundo: tinha pensado na carreira militar, mas os seus pais o desaconselham, e o orientam para os estudos de Direito na Sorbona. Emanuel os experimenta sem convicção, e permanece insatisfeito. Ele traz consigo o desejo de doar-se plenamente a Deus, radicalmente, sem meias medidas. Na solidão do castelo de Lavagnac, onde se retira por alguns tempos, cresce nele a sede de consagrar a sua vida no sacerdócio, renunciando desta forma a todas as vantagens de sua posição e de sua fortuna.



Emanuel tem então vinte e dois anos. Quando ele parte para o seminário de Montpellier, é um imenso despreendimento para este jovem de coração ardente e sensível: “É certo que passei um momento bem triste, quando deixei Lavagnac. Eu parti sem fazer barulho; a minha pobre mãe (...) me tinha pedido que eu não lhe dissesse o momento da minha partida. Não disse nada, com efeito, mas, embora eu conseguisse dominar-me, estava numa confusão inconcebível.”⁴ 16 mars 1832

Frédéric Ozanam,
Henri Lacordaire,
Charles de Montalembert

Abade Félicité de Lamennais

Que venha o Teu Reino!
Eis-me aqui, envia-me!

3 - Mt 11,12
4 - P. Jean-Paul
Périer Muzet,
Anthologie
Alzouienne, Rome
2003, p. 38



2 - A SUA FORMAÇÃO ESPIRITUAL ATÉ A SUA ORDENAÇÃO

1832-1834

“Qualquer um de vós, que não renunciar a tudo o que possui, não pode ser meu discípulo.” (Lc 14,33)

Emanuel é um jovem que deseja aprender e formar-se intelectualmente, e rapidamente, em Montpellier, fica desanimado; decide então partir para Roma. Estamos em 1833: ele começa seguindo os cursos da Gregoriana, mas também ali ele encontra o mesmo sentimento de insatisfação, e opta finalmente por uma formação autodidática, com o apoio de alguns sólidos teólogos, o que corresponde melhor às suas aspirações.

Surge então um momento crucial no percurso de Emanuel. Em Montpellier, tinha ignorado a proibição do bispo e lia escondido, com a cumplicidade de certos professores, o jornal de Lamennais, *L’Avenir* “o Futuro”. Agora, no momento de apresentar-se à ordenação, Emanuel deve fazer uma verdadeira escolha, uma escolha determinante, que vai orientar todo o resto da sua caminhada: ele compreende que preferir Jêsus Cristo acima de tudo significa também preferir a sua Igreja – que é a Esposa do Cristo – acima de todos os seus gostos, as suas idéias, as suas opções pessoais.

A encíclica de Gregório XVI *Singulari* acaba de condenar, em 1834, a última obra de Lamennais, *Paroles d’un Croyant*



(Palavras de um crente). Chegou o momento para Emanuel de uma autêntica submissão de espírito e de um ato de humildade cujos frutos vão trazer conseqüências para toda a sua vida. O eixo do seu sacerdócio é definitivamente dado: o de uma fidelidade sem falha à Igreja de Roma e ao Pontífice Romano.

Ele escreve a seu pai, na noite da sua ordenação sacerdotal na Cidade Eterna, no dia 26 de dezembro de 1834:

“Uma denúncia foi feita contra mim a propósito das minhas opiniões. Não me dizem nada. Apenas, na antevéspera da minha ordenação ao subdiaconato, o cardeal Odescalchi, teve a bondade de me prometer que me ordenaria, e que entretanto havia sido nomeado Cardeal Vicário, me solicitou que fosse a sua residência. Me perguntou o que eu pensava de Lamennais. Eu respondi que me submetia totalmente à encíclica, que eu havia desaprovado as Palavras de um crente antes da publicação da condenação(...)

Em seguida, ele me propôs, em nome do Papa, de assinar uma declaração, pela qual eu aderiria à encíclica e não aderiria de forma alguma à opinião daqueles que dizem que não condenam um determinado sistema de filosofia. Ele me propôs dar-me um tempo para refletir. Mas eu respondi que eu não queria e assinei no mesmo instante. (...)

Gostaria de enviar-lhe uma cópia. Eu a pedi esta manhã ao cardeal, e me respondeu que me a conseguiria: o original está entre as mãos do Papa que, está muito satisfeito, assegurou-me, da prontidão da minha submissão. É bastante incômodo atrair a atenção do Papa de tal modo. Vão me apresentar a ele um destes dias. Veremos como ele me receberá.”

Efetivamente, antes de deixar Roma em maio de 1835, o Abade d’Alzon é recebido muito afetuosamente pelo Papa Gregório XVI em audiência privada.

3- O ABADE D'ALZON A SERVIÇO DA DIOCESE DE NÎMES

1835-1844

“Fostes fiel nas pequenas coisas...” (Mt 25,21)

Estes anos de formação em Roma enraizaram profunda e duravelmente o jovem

Abade d'Alzon no coração da Igreja universal, e, quando ele retorna, por escolha própria, à sua diocese de origem, vêm com esta grande abertura de espírito, que o faz estender o seu olhar de águia mais longe do que as fronteiras de sua diocese e de seu país: *“É sempre necessário trabalhar para Roma, às vezes sem Roma, mas nunca contra Roma ...”*⁶ (23 de agosto de 1834)

O novo padre tem 25 anos, e todo o entusiasmo da juventude! Chega em novembro de 1835 em Nîmes, onde o seu bispo, Monsenhor de Chaffoy, o acolhe paternalmente, acompanhando os primeiros passos do seu ministério. O Abade d'Alzon prega, confessa, administra os sacramentos. Mas ele traz também consigo muitos projetos de evangelização: o mais apreciado por ele é a conversão dos protestantes, numerosos naquela região. Sente-se chamado também a doar-se à educação da juventude, a criar apadrinhamentos, associações caritativas. Constitui um grupo de Adoradoras do Santíssimo Sacramento, com o objetivo de apoiar pela oração, o seu ministério de pregação e de direção espiritual:

Ilustração do Padre d'Alzon - criação do Padre Bisson



*“Tenho às vezes o desejo de pedir que me deixem trabalhar à vontade porque, para ser sincero, o meu gosto é para a ação.”*⁷ escreve em maio de 1836.

O bispo está lá para moderar e canalizar este padre que lhe parece às vezes comprometer-se em mil e uma atividades. Ele acaba no entanto, em lhe conceder a autorização de concretizar um projeto que lhe é querido, o de fundar uma casa que seja “um refúgio para jovens prostituídas”. E, paternalmente, ele o incentiva com estas palavras, que resultaram proféticas: *“Vá, meu filho, todos os fundadores são loucos, e sem dúvida, você é dessa natureza!”*

Ele pode ter o caráter de um fundador, mas o Abade d'Alzon é, no momento, “cônego honorário” e “vigário geral honorário” em Nîmes, nomeações que ele acolhe do seu bispo na obediência, mas não sem certo humor:

*“Parece que descobriram que eu tinha vocação para ser administrador, quer dizer, para dar, a cada oito dias, a minha opinião sobre os casos de consciência apresentados ao conselho do bispo, ao qual tenho a honra de fazer parte. Bem, não riam muito por trás. imaginando um principiante de vinte e cinco anos, sentado serio entre cinco ou seis idosos, ouvindo e respondendo, interrogando e objectando e por último fazendo como se soubesse tanto quanto os outros. Há algo que me diz que é extremamente engraçado ser Vigário Geral tão cedo, mas o que fazer?”*⁸ escreve a um amigo, em maio de 1836.



Monsenhor Cart

Em março de 1839, o novo Bispo, Monsenhor Cart, vai nomeá-lo oficialmente “Vigário Geral” de Nîmes, com uma verdadeira perspicácia: *“É um homem de Deus, e um homem capaz: por isso ele me convém; assim, ele me empurrará e eu o freiarei.”*⁹. A única reserva oposta pelo abade d'Alzon a esta nomeação será a de preferir um apartamento na cidade em vez dos aposentos que o correspondem no palácio episcopal.

Catedral Nossa Senhora e São Castor – Nîmes



O santuário da Consolata em 1852 – Turim, Itália

O normal seria que alguns anos mais tarde, o Padre d’Alzon fosse nomeado Bispo, e amigos bem intencionados vão propôr o seu nome, para diferentes bispos. Mas ele está longe de ter estes tipos de ambições: bem pelo contrário, aos 34 anos, o vemos em Turim, no santuário marial de *La Consolata*, pronunciando, durante a missa, o voto de “*permanecer um simples padre para melhor servir a Igreja*”¹⁰, e de não aceitar nenhuma dignidade eclesiástica, excepto ordem formal do Papa.

O Santo Espírito o conduz para outras margens, e dá outros contornos à sua legítima ambição: ele mesmo nos confia que se sente impulsionado “*como por uma inspiração do Céu, não somente a abraçar a vida de perfeição, mas a fundar, ele mesmo, um Instituto religioso.*”¹¹

4- DO COLÉGIO DE NÎMES

À FUNDAÇÃO DOS AGOSTINIANOS DA ASSUNÇÃO

1845-1857

“ **Eu lhe confiarei muito mais...**” (Mt 25,21)

O Padre d’Alzon

havia conhecido recentemente Eugénia Milleret, que acabava de fundar, em 1839, uma Congregação feminina, destinada à educação de moças, sob a proteção da Assunção da Virgem Maria. Durante estes anos de fundação, ele apoiava aquela que era “a mãe” das Religiosas da Assunção, e, uma vez escolhido como seu diretor espiritual em 1841, ele se comprometeu, com a graça de Deus, e não sem audácia, a conduzi-la à santidade¹².

Logo será a vez da jovem fundadora, Madre Eugénia, de incentivar o Padre d’Alzon, sendo que ele também se sente chamado a fundar uma nova Congregação.

A escolha do lugar onde poderia implantar-se esta Congregação ainda em gestação não foi muito amadurecida: um amigo próximo do Padre d’Alzon, o Abade Goubier, acabava de comprar, sem consultá-lo antes, o pensionato católico de Nîmes que perdia os seus alunos. É lá, neste antigo “Colégio da Assunção”, que o Padre d’Alzon funda as bases da sua obra de

educação, uma obra original para a época, baseada na sinceridade e no respeito para a personalidade e os talentos de cada um. Após anos de trabalho junto ao Ministério da Instrução Pública, ele obterá para este Colégio a liberdade de ensino. Recruta professores diplomados do ensino público, que são qualificados e que compartilham a sua fé e as suas convicções. E no dia 1º de outubro de 1844, ele toma oficialmente a direção do Colégio.

Ao mesmo tempo, ele permanece atento à este chamado à vida religiosa que ele discerniu na oração, e, em junho de 1845, no santuário parisiense de Nossa Senhora das Vitórias, pronuncia os votos privados de pobreza, castidade e obediência, acrescentando o voto de doar-se à extensão do Reino de Jesus Cristo. Neste mesmo ano, no início das aulas, ele começa a sua vida religiosa com cinco companheiros, professores no mesmo Colégio. Para viver o seu voto de pobreza, ele pede hospitalidade ao Colégio e habitará na enfermaria. Com a ajuda de Madre Maria Eugênia, ele confeccionou um hábito religioso branco, de lã, a partir do modelo “dominicano”¹³ do Padre Lacordaire, e começa a usá-lo, mas apenas de manhã e à noite. Monsenhor Cart, cansado de sua insistência, acabou deixando-lo fazer uma experiência de vida religiosa, por um ano, e no dia 24 de dezembro de 1845, nasce o noviciado no Colégio, sem tomada de hábito, com cinco padres e um leigo. Progressivamente, o Padre d’Alzon vai deixar a administração do Colégio, para poder dedicar-se à sua nova missão de Fundador.

A regra se constrói, simples, e longamente amadurecida no seu coração de pai, à imagem que ele leva fielmente há anos:

“A nossa pequena Associação se propõe de santificar-se extendendo o Reino de Jesus Cristo nos corações. O nosso espírito particularmente repousa sobre o amor ardente de Nosso Senhor Jesus Cristo e de sua Santa Mãe, nossa patrona especial, um zelo muito grande pela Igreja e um apego inviolável à Santa Sé. A nossa vida deve ser uma vida de fé, de entrega, de sacrifício, de oração, de espírito apostólico e de sinceridade”¹⁴

Igreja Nossa Senhora
das Vitórias - Paris



A mais antiga representação de Santo Agostinho.
Fresco de São João de Latrão – Roma, século VI

É necessário então, esperar com paciência que Monsenhor Cart autorize os primeiros votos. Essa autorização de pronunciar os votos públicos é dada cinco anos mais tarde, nas vésperas da noite de Natal em 1850: o Padre d’Alzon pronuncia os seus votos por um ano, na capela do Colégio, na presença dos mestres e dos alunos, antes de receber ele mesmo os votos dos seus quatro irmãos. Aos três votos tradicionais, acrescenta-se o de “trabalhar para estender com todas suas forças o Reino de Jesus Cristo nos corações.”¹⁵

A Congregação dos Agostinianos da Assunção acaba de nascer na Igreja. Ela é colocada sob a proteção de Santo Agostinho, de quem se inspira a sua Regra: “Santo Agostinho, nosso patriarca será nosso guia principal.”¹⁶ Em quanto ao vocábulo “da Assunção”, ele testemunha a proximidade espiritual com a Congregação que Madre Maria Eugênia acaba de fundar, e recorda igualmente que foi de fato “o Colégio da Assunção” que permitiu a gestação da comunidade: o Colégio, deu o seu nome à Congregação¹⁷.

Logo, o Padre d’Alzon põe ele mesmo as pedras no alicerce. Após ter dado um nome a sua Congregação, ele lhe dá as suas grandes orientações apostólicas: não somente o ensino, mas também todo um apostolado popular, através da imprensa, das peregrinações e da ação social, sem se esquecer as missões estrangeiras e a dimensão essencial da unidade da Igreja.

No dia 12 de dezembro de 1851, Monsenhor Cart dá o seu acordo definitivo à Congregação dos Padres da Assunção, que receberá o *Decretum Laudis*, no dia 1º de maio de 1857¹⁸.

5- “EU ABENÇOO AS SUAS OBRAS DO ORIENTE...”

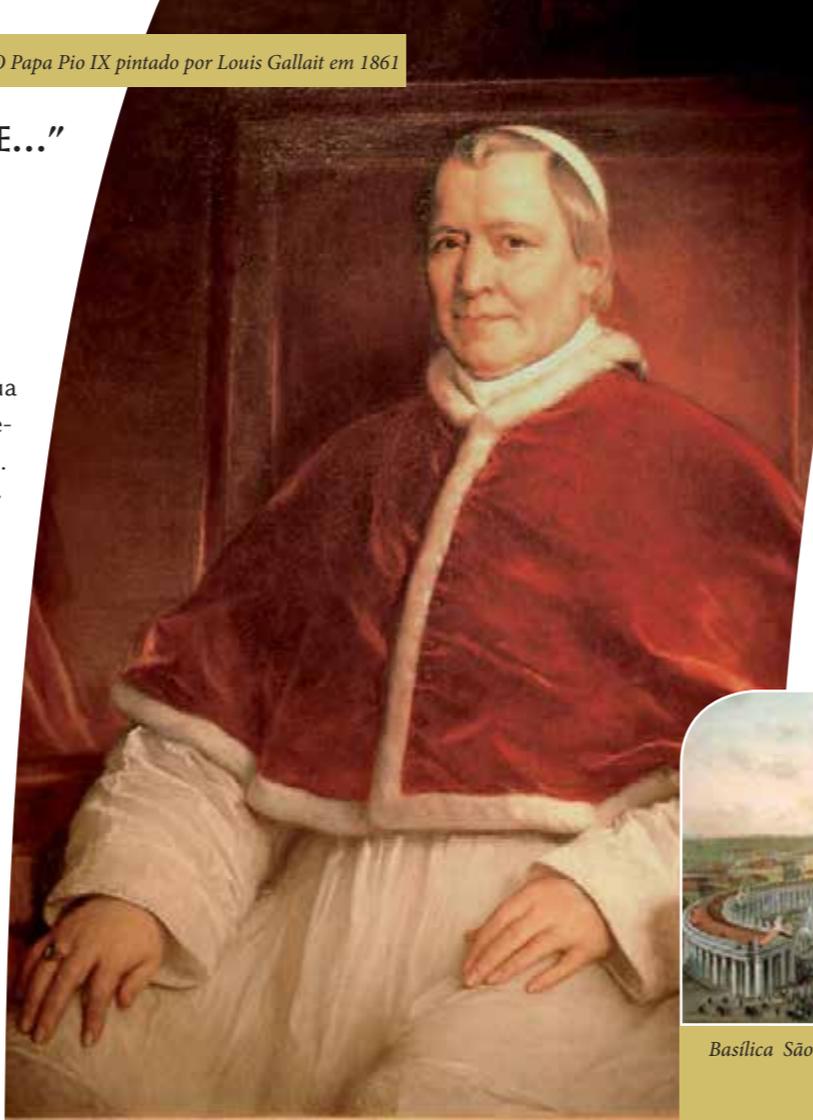
1860-1865

“Fazei discípulos de todas as nações.” (Mt 28,19)

Em 1860, o Padre d’Alzon perdeu a sua mãe e a sua irmã mais velha, e se encontra consequentemente herdeiro da metade da fortuna familiar, que é considerável. Para ele, que fez voto de pobreza, é evidente que esta fortuna deve ser posta a serviço da Igreja, para o advento do Reino de Deus. Mas como? Ele sonhava em adquirir o Cenáculo, ou comprar o suposto túmulo da Virgem Maria em Jerusalém... Mas Pio IX, que tinha ouvido falar dos recursos que possuía o Padre d’Alzon, teria sugerido¹⁹ que orientasse as suas generosidades para a Bulgária, onde poderia abrir um colégio para formar a juventude e um seminário para formar padres.

Em 1862, o Padre d’Alzon acompanha o seu bispo a Roma, com 67 padres da diocese, para a canonização dos mártires do Japão. Durante a audiência pública do dia 4 de junho, ele ouve o Papa Pio IX pronunciar estas palavras: “Eu abençoo as suas obras do Oriente e do Ocidente”²⁰. Esta bênção sobre as suas obras do Oriente, que eram ainda apenas um projeto, lhe aparece como uma confirmação: ele deve trabalhar pela unidade com a Igreja ortodoxa, e mais que uma

O Papa Pio IX pintado por Louis Gallait em 1861



confirmação, como uma ordem do Papa a executar! Era com efeito, o grande desejo²¹ de Pio IX, que se combata o cisma do Oriente, mais particularmente na Bulgária.

O Padre d’Alzon começa pois, enviando como explorador, um dos seus religiosos que voluntariamente se ofereceu para esta expedição longínqua, e em quem ele tem uma grande confiança, o Padre Victorin Galabert. Este, desembarca em Constantinopla no dia 20 de dezembro de 1862 e tenta analisar a situação dos católicos búlgaros, que vivem nos confins do Islão: ele compreende que, politicamente, dependem do Sultão – porque na época a Turquia dominava ainda todos os países do contorno oriental do Mar Mediterrâneo – e que, religiosamente, dependem do Patriarca de Constantinopla. O Papa, representado por Monsenhor Brunoni, apoia as minorias católicas destes países, favorecendo a sua emancipação em relação ao jugo otomano. No entanto, aconteceu que a delegação apostólica de Monsenhor Brunoni, querendo ajudar as numerosas obras cristãs locais, contraiu dívidas no valor de 200.000 francos, que o Padre d’Alzon estaria pronto para quitar: isso abrirá facilmente as portas “aos filhos do Padre d’Alzon”!

Mas o relatório do Padre Galabert não é convincente, e a situação é tão complexa que o Padre d’Alzon, com o espírito de conquista que o caracteriza, se prepara para encontrar-se com ele em abril de 1863. Toma

então o barco, e começando a medir a amplitude desta nova aventura; ele escreve com humor sobre ele mesmo: “*Oh meu Deus, em qual ninho de vespas fui me meter? Mas é necessário ser meio louco para Nosso Senhor!*”²² Chegado em Constantinopla, para pregar uma Quaresma, segue em seguida até Andrinopla, e constata que há, com efeito um imenso trabalho a fazer: “ocupar-se ativamente de tudo o que pode favorecer o retorno dos Ortodoxos à unidade católica.”²³ Existem no local religiosos e religiosas, mas não seminários, e o clero católico autóctono não existe. Ele considera a população, as escolas, as



Basilica São Pedro, Roma. Bênção do Papa Pio IX

Que venha o Teu Reino!

Eis-me aqui, envia-me!

19 - Cf. Lettres du P.E. d’Alzon T. IV, p. 339

20 - Ibid. 19

21 - Cf. Ecrits Spirituels, p. 1450

22 - Lettres du P.E. d’Alzon, T. IV, p. 188

23 - Dossier sur la Vie et les Vertus, vol. II, T. II, p. 718



O Padre Victorin Galabert

igrejas, e retorna com a intenção de obedecer ao Papa sem demora. Ao seu regresso, vai à Roma prestar contas da sua missão: “sim” para um colégio, “sim” para um seminário, mas seria necessário além disso ter um contato vivo com as populações, colocar-se a seu serviço.

Apesar do seu grande zelo para a missão, torna-se evidente que ele não possa partir novamente para a Bulgária, e deixa ao Padre Galabert a responsabilidade de tomar todas as iniciativas que forem necessárias. No final de 1863, o Padre Galabert penetra no interior das terras, do lado de Andrinopla e de Filipópolis (Plovdiv). Retornando desta expedição, ele decide, modestamente, abrir uma escola em Filipópolis com 90 alunos, que provêm de uma classe social bastante desprezada de búlgaros latinos. No dia 10 de dezembro de 1863: o Padre Galabert, que é doutor em medicina e em teologia, e o Padre Bartolomeu, um confrade da Assunção, que é farmacêutico, se improvisam ambos como construtores e professores da escola. É a primeira fundação Assuncionista no Oriente.

Desde o mês de março de 1864, o Padre Galabert²⁴ levanta a questão da vinda de religiosas, sem as quais o apostolado dos padres não teria êxito não seria frutífero. Para reforçar o seu pedido, ele se apoia sobre o desejo do bispo latino de Sofia, que tem o mesmo pensamento, e explica ao Padre d’Alzon que as famílias búlgaras desejam também uma escola dirigida pelas Irmãs. Ele insiste com o Padre d’Alzon que se dá conta da evidência: os seus religiosos da Missão do Oriente, para realizar plenamente seu apostolado, necessitarão da complementaridade de uma presença feminina.

6- A FUNDAÇÃO DAS OBLATAS DA ASSUNÇÃO

1865

“... eu agradeço todos os dias a Nosso Senhor, por ter-me dado uma filha, uma ajuda como você”²⁵

(Pe. d’Alzon à M. E.-M. Correnson – 5 de abril de 1858)

O Padre d’Alzon é um homem atento e realista, e compreende bem que, se quer chegar às famílias búlgaras por meio das escolas ou dos dispensários, é necessário efetivamente uma presença feminina no local: para o serviço desta delicada missão, é necessário, “*este espírito humilde e apto para atingir uma porção do mundo que Nosso Senhor ama especialmente e da qual é urgente ocupar-se antes de mais nada.*”²⁶ Ele percebe que, se quiser penetrar no coração dos lares, as obras de caridade devem acompanhar as obras do ensino. Ele também procura uma solução: seria necessário reunir jovens búlgaras que viriam se formar na França? Ou pedir a ajuda das Religiosas da Assunção, para quem ele se tem dedicado inteiramente estes últimos anos? Ou ainda bater à porta de outras comunidades já implantadas no Oriente, como as Damas de Sion, ou as Filhas da Caridade? Nenhum destes projetos de colaboração missionária parece satisfatório ou mesmo realizável.

“*Se os outros não puderem, vamos tentar nós mesmos!*” É simples assim para o Padre d’Alzon, fundador na alma! Para responder ao apelo da missão búlgara, cria então, o projeto de fundar uma segunda Congregação.²⁷

Empreendedor, mas sempre realista, o Padre d’Alzon olha ao seu redor, e eis que um esboço de solução não demora a se desenhar: ele se volta para um de seus religiosos, que ele nomeou mestre de noviços, Padre Hippolyte Saugrain, e lhe pergunta se ele estaria disposto a assumir a responsabilidade também, de jovens postulantes, em vista de fundar esta segunda Congregação. O projeto parece rapidamente concluído.

Jovens desejosas para entregar-se à Deus? O Fundador não podia ainda contar com as senhoritas Eulália de Régis e Maria Correnson. O Padre d'Alzon e o Padre Saugrain conheciam também várias de suas vocacionadas, mas eis o Padre d'Alzon quase ultrapassado, e em todo caso muito edificado, quando ele é testemunho da boa vontade destas jovens de Cévennes, e da generosidade da sua resposta quando lhes expõe os seus projetos de missão:

“Elas trazem com um coração generoso, muito pouca instrução, mas uma grande força de vontade e uma imensa confiança. O fato é que essas pobres jovens, quando trata de entregar-se ao Bom Deus, não colocam tantos “si...”, tantos “mas...”, tantos “por quê...”, como as grandes e santas senhoritas... Oh! simplicidade sem rodeios das pobres meninas! Oh! sabedoria e prudência das grandes e belas jovens! Oh! dom de si! Oh! possessão de si!”²⁸

Com Madre Maria Eugênia, o Padre d'Alzon tinha pensado em criar, nas Religiosas da Assunção, um ramo de “Oblatas”, entre as Religiosas e as Irmãs conversas, para responder aos apelos da Missão. Isto não pôde ser feito, mas o Padre d'Alzon guardou este nome de “Oblatas” para a Congregação feminina que ele fundou para a Missão do Oriente. E elas serão “Oblatas da Assunção”, pois a sua Congregação virá completar a dos “Agostinianos da Assunção” que ele fundou em Nîmes.

Com um dinamismo surpreendente, ele instala as suas seis primeiras “Oblatas”, no dia 23 de maio de 1865, perto do Vigan, sua cidade natal: ele aluga uma casa, em Rochebelle mais precisamente, e a batiza apropriadamente com o nome de “Nossa Senhora da Bulgária”.

As Oblatas recebem cada uma o seu nome de religiosa, e, no dia seguinte, na festa de Maria Auxiliadora, ele celebra para elas a missa de fundação. No mesmo dia, Monsenhor Plantier, em plena visita apostólica, abençoa esta fundação nascente. No dia 14 de agosto seguinte, elas tomam o hábito religioso e começam o seu noviciado. Seis meses mais tarde, já são dezoito.

*Primeira casa das O.A. Rochebelle,
“N.S. da Bulgária”*

7- UMA FUNDADORA PARA A CONGREGAÇÃO DAS OBLATAS

1866-1868

“Não se apegou ciosamente a ser igual em natureza a Deus Pai...” (Filipenses 2,6)

O realismo do Padre d'Alzon, é também o de considerar que a boa vontade destas jovens não é suficiente para se tornar religiosas, e menos ainda missionárias. Tanto quanto o Padre Galabert, no local, não esconde o que ele espera das futuras Oblatas:

“Não tem que se contentar em fazer delas mestras da escola, tem que torná-las também irmãs de Caridade. É algo absolutamente indispensável no Oriente. É o único meio para penetrar nas famílias muçulmanas ou cismáticas.”²⁹ (21 de julho de 1865)

Trata-se então, de formar estas jovens, de dar-lhes esta exigente e bonita formação à caridade, e de encontrar para elas uma mestra de noviças capaz de entrar neste espírito. Madre Maria Eugênia aceita delegar provisoriamente uma de suas religiosas, Irmã Maria-Madalena, que vai ajudá-las a dar os primeiros passos na sua vida de Oblatas da Assunção. Na espera que o Padre d'Alzon encontre uma superiora própria!

Incansável e confiante, sem se deixar abater por nada, o Padre d'Alzon pensa em uma de suas filhas espirituais para tornar-se a superiora das Oblatas e para ajudá-lo na obra da sua fundação: trata-se de Maria Correnson.



*Imagem de M. Correnson com 23 anos.
Quadro pintado à pedido do seu avô, o doutor Pleindoux*

O Padre d'Alzon conhece bem a família da jovem, especialmente seu pai, que era médico no Colégio da Assunção. O seu primeiro encontro com ela data do dia 21 de maio de 1859, Maria tem dezessete anos e o Padre d'Alzon quarenta e nove. Uma profunda relação espiritual se estabelece entre eles, feita de real afeição, de confiança mútua, mas também de firmeza e de exigência em vista da santidade à qual os dois aspiram:

*“É necessário que você me permita, minha filha, uma pequena simplicidade de pai e de verdadeiro pai: dizer a você, a felicidade que tenho em agradecer a Nosso Senhor por ter permitido que você seja a minha filha. Quando eu me acostumar a ser o seu pai, talvez isso diminuirá, então, nós seremos velhos amigos. No momento, é a alegria, uma imensa alegria de ter uma filha que tem sim alguns defeitos, mas que quer ser uma grande santa.”*³⁰ (11 de fevereiro de 1864)

Parece que o Padre d'Alzon tinha percebido há algum tempo em Maria um chamado à consagração, mas ele deixa amadurecer este apelo. No entanto, nas suas cartas de acompanhamento, ele insiste para que ela tome seriamente a sua vocação à santidade, qualquer que seja a modalidade, seja “no mundo”, ou “fora do mundo”. Durante a sua primeira viagem no Oriente, ele lhe escreve para compartilhar com ela o que ele descobre lá, lhe fala do cisma que sofre a Igreja, e confia seus projetos de missão à sua oração:

*“Vamos, querida pequena Maria, tornemo-nos santos, e de perto ou de longe, sacrificuemo-nos a esta obra tão linda.”*³¹ (5 de março de 1863)

Ele acredita sobretudo, que ambos estão chamados à colaborar em uma mesma obra, mesmo se ele não vê ainda muito bem a forma ou os contornos da sua colaboração no futuro:

*“Não parece que Nosso Senhor queira que trabalhemos juntos? Então, porque não se preparar para uma vida séria e forte à qual lhe será pedido um dia?”*³² (9 de abril de 1863)



Assim, Maria reza pelas primeiras Oblatas, ela está presente na missa de fundação que o Padre d'Alzon celebra no dia 24 de maio de 1865 em “**Nossa Senhora da Bulgária**”, ela se investe, onde está, nesta obra nascente que seu pai espiritual recomenda insistentemente à sua oração:

*“Atrás da Bulgária, tem a grande aglomeração dos Eslavos: sessenta milhões de almas a converter. Somente isso!”*³³ (1869)

E finalmente, um dia, em julho de 1866, após ter longamente amadurecido na oração o que vai lhe pedir, o Padre d'Alzon proporá a Maria Correnson que ela venha juntar-se às primeiras Oblatas, para ser a sua mãe e tornar-se com ele a fundadora desta nova Congregação. Ele não lhe esconde nem os desapegos aos quais ela será chamada, nem os sofrimentos que a esperam, nem os espinhos da coroa que ele depositará na sua frente, mas ele confessa também que “parece que Deus quer que ele tenha necessidade dela”:

*“Você sente a força de ter um verdadeiro coração de mãe? Você está decidida a dar a luz à obra com todas as dores que é fácil prever?”*³⁴ (20 de julho de 1866)

Este pedido sem rodeios do Padre d'Alzon, faz Maria mergulhar-se num grande debate interior, no qual ela mede todos os sacrifícios que lhe serão pedidos e que lhe parecem insuperáveis. A sua recusa é clara e nítida: não é a vida dura e pobre que a assusta, mas o fato de viver com jovens sem nenhuma instrução, ela que conheceu até então apenas a vida fácil da alta burguesia de Nîmes!

O Padre d'Alzon não se deixa vencer, mas a sua ternura paternal sabe então mostrar-se viril e persuasiva. Ele conhece bastante a sua filha para saber que esta recusa não é definitiva, que é apenas a expressão do seu medo, e lhe escreve estas linhas, onde se pode adivinhar um sorriso de ternura e de cumplicidade para com a sua filha:



Madre Emanuel-Maria da Compaixão

“Penso que algum dia, estas resistências serão para você, motivo de profunda humilhação, você pensará que depois de tudo, para se unir à humanidade, Nosso Senhor percorreu um caminho mais longo, do Céu até aos pecadores, que você não teria feito, da sua posição à das minhas pobres filhas... Se eu tivesse sabido pregar a você um pouco mais de exemplo da vida apostólica, você teria compreendido um pouco melhor a beleza, pela qual Nosso Senhor começou por chamar primeiro os pescadores e os homens grosseiros, como nós começamos por nossas fiadeiras e as nossas montanhas.”³⁵ (23 de agosto de 1866)

Maria não resiste mais por muito tempo ao pedido de seu pai espiritual, e prontamente volta atrás, reconhecendo humildemente a sua falta de generosidade, como mostra a carta que lhe responde:

“Eu lhe peço perdão, meu Pai, da tristeza que eu pude lhe causar. Após ter lido a sua carta, eu me ofereci a Nosso Senhor como talvez nunca o fiz, dizendo-lhe que me tome como Ele queira. Farei então, o que você me disse na sua boa carta. Hoje necessito renovar o meu voto de obediência. Faça-me pois amar a Nosso Senhor, sinto que eu não o amo e no entanto, eu gostaria de amá-lo muito e muito.”³⁶ (24 de agosto de 1866)

O Padre d’Alzon acolhe com felicidade o “sim” da sua filha. Apesar do seu temperamento impulsivo e às vezes impaciente, ele sabe também usar a prudência quando é necessário, de modo que Maria tenha o tempo de amadurecer bem a sua resposta de amor, ele a leva

a realizar “um noviciado secreto” o que lhe permite ficar ainda alguns meses no mundo. No dia 7 de abril de 1867, na presença das primeiras Oblatas reunidas na capela do Colégio de Nîmes, ela recebe de seu pai espiritual, o seu nome de religião, “Emanuel-Maria da Compaixão”, e também o seu hábito de religiosa, que ela usará no momento certo. Ela se alegra com a divisa que ele lhe propõe: **“se faire tout à tous”**³⁷ : (se tornar tudo para todos) :

“Esta divisa combina muito bem com o meu caráter, “fazer-se tudo à todos”, para trazer a Nosso Senhor muitas almas. Eu compreendo esta necessidade de doar-se, de entregar-se, para estender o Reino de Nosso Senhor.”³⁸ (16 de maio de 1867)

Algumas semanas mais tarde, Maria, continua sem conseguir o consentimento dos seus pais, e decide responder apesar de tudo ao chamado de Cristo que se faz cada vez mais insistente: certa manhã, ela sai de casa, como de costume, para ir a missa, mas nesse dia, o “famoso dia 27 de junho”, ela não voltará! Ela coloca o seu hábito de religiosa, e toma a estrada de Rochebelle, onde as Oblatas acolhem de coração aberto aquela que o Padre d’Alzon lhes oferece como Mãe:

35 - Lettres du P. E. d’Alzon à M. E.-M. Correnson, Bruxelles 1993, p. 61-62

36 - Lettres de M.E.-M. Correnson, Bruxelles-Paris 2005, p. 17-18

37 - 1Co 9, 22

38 - Lettres de M.E.-M. Correnson, Bruxelles-Paris 2005, p. 28



“Todas as irmãs se encontravam na capela, e assim que eu me coloquei no lugar da superiora, ellas entoaram o Magnificat. E devo confessar que foi cantado do fundo do coração.”³⁹ (27 de junho de 1867)

O Padre d’Alzon também canta interiormente o seu *Magnificat*, e, bem consciente da necessidade de formar esta jovem superiora de 25 anos, ele lhe propõe de continuar o seu

noviciado original e intensivo que começou no mundo:

“Este noviciado, eu o faço lhe escrevendo como lhe escrevo, lhe comunicando, assim o desenvolvimento de todos os meus pensamentos sobre a obra. O noviciado, para você, consiste em nossas conversações e em nossa correspondência. E com tudo, se você deve ser a verdadeira mãe da obra, é necessário que você seja noviça de uma maneira muito particular, pois você deve adquirir aquilo que comunicará logo em seguida.”⁴⁰ (14 de maio de 1867)

Depois ele pede a Madre Maria Eugênia que inicie sua noviça aos costumes da vida religiosa, durante algumas semanas no verão.

Em abril de 1868, ao término desta formação “intensiva”, a noviça é admitida para pronunciar os seus votos definitivos entre as mãos do Padre d’Alzon, que redigirá ele mesmo o processo verbal deste compromisso solene:

“No dia 18 de abril de 1868, a Madre Emanuel-Maria da Compaixão, após um ano de noviciado, fez os seus votos perpétuos entre as mãos do Padre d’Alzon, na presença dos Religiosos da Assunção e da comunidade das Irmãs de Nîmes. Esta profissão foi a primeira, como convêm para a Fundadora das Oblatas.”⁴¹

No anel da profissão que ele oferece a esta jovem esposa de Cristo, ele teve a delicadeza de pedir para gravar as iniciais de uma frase recebida outrora por Santa Rosa de Lima, uma santa que lhe é cara: R.C.M.T.M.S.E.

Rosa Cordis Mei Tu Mihi Sponsa Esto,
Rosa do meu Coração, seja uma esposa para mim...



8- A PARTIDA PARA A MISSÃO DO ORIENTE

1868

“Eis-me aqui, envia-me!” (Isaías 6,8)



Partida para a Missão de Oriente. Padre E. d’Alzon, Madre E.-M. Correnson, Madre M.-E. Milleret

No dia de 19 de abril de 1868, o dia seguinte aos votos de Madre Emanuel-Maria Correnson, cinco outras Oblatas pronunciam na sua presença, o seu compromisso definitivo entre as mãos do Padre d’Alzon. Elas receberão mais tarde a divisa inspirada pelo profeta Isaías: “Eis-me aqui, envia-me!”⁴².

O Padre d’Alzon queria tanto saber transmitir às suas filhas o seu próprio ardor missionário: “Eu quero que a minha nova Congregação, como a primeira, a dos Padres da Assunção, tenha o zelo interior. (...)

Nada de extraordinário exteriormente, mas toda a delicadeza do coração, todo o impulso, toda a prudência, o tacto e a coragem para confessar Jesus Cristo utilmente, apostolicamente.”⁴³

Durante o verão de 1867, o Padre Galabert, de passagem na França, tinha vindo a Rochebelle, onde ele pôde constatar os progressos das jovens Oblatas: foi o clique que faltava para que ele comece desde o seu retorno, as iniciativas necessárias para acolhê-las. Ele havia escolhido Andrinópolis, como primeira fundação, e tinha pedido aos notáveis da cidade de financiar a compra de uma propriedade onde as irmãs habitariam e fariam a escola às suas crianças. Ele tinha proposto então, como data para a sua instalação, a festa de Páscoa de 1868.

Enfim, chegou a hora de partir para o Oriente. No dia 25 de abril de 1868, as cinco primeiras Oblatas Missionárias, que têm entre vinte e três e trinta e três anos, embarcaram-se no porto de Marselha, onde as acompanhavam Madre Emanuel-Maria da Compaixão, o Padre d'Alzon, e Madre Maria Eugênia.

*“Eu conservei uma lembrança comovente destas primeiras partidas para as missões. Seria difícil dizer quem estava mais feliz, se era o Reverendo Padre ou a Madre Emmanuel. Eles estavam cheios de alegria e de esperança”*⁴⁴ testemunho de Louise Correnson.

Após uma viagem bastante penosa e movimentada, as Irmãs desembarcam no dia 7 de maio em Caragatch, nos arredores de Andrinople. Toda a colônia européia, com o cônsul da França, está lá, (os senhores a cavalo, as senhoras em charretes) e elas são acolhidas triunfalmente num carro de bois (“tartarabas”). No dia 24 de maio seguinte, elas abrem duas escolas em um bairro popular de Andrinópolis:



Desenho feito pela Sra. Germer Durand (Irmã Cécile - O.A.)

Orfanato - Andrinópolis 1899



Externato São Louis-Andrinópolis antes de 1914

uma escola gratuita, sob a proteção de São Vicente, que será aberta às jovens católicas, às ortodoxas, às gregas, às armênias e às judias, e um pensionato para as crianças da boa sociedade européia.

*“Eu quis abrir no mesmo dia a escola gratuita e o pensionato, porque estabeleci como princípio que as obras de caridade são a nossa obra principal e que é apenas a pedido dos católicos de Andrinópolis e para ser-lhes agradáveis que consentimos a acolher pensionistas”*⁴⁵ explicará o Padre Galabert.

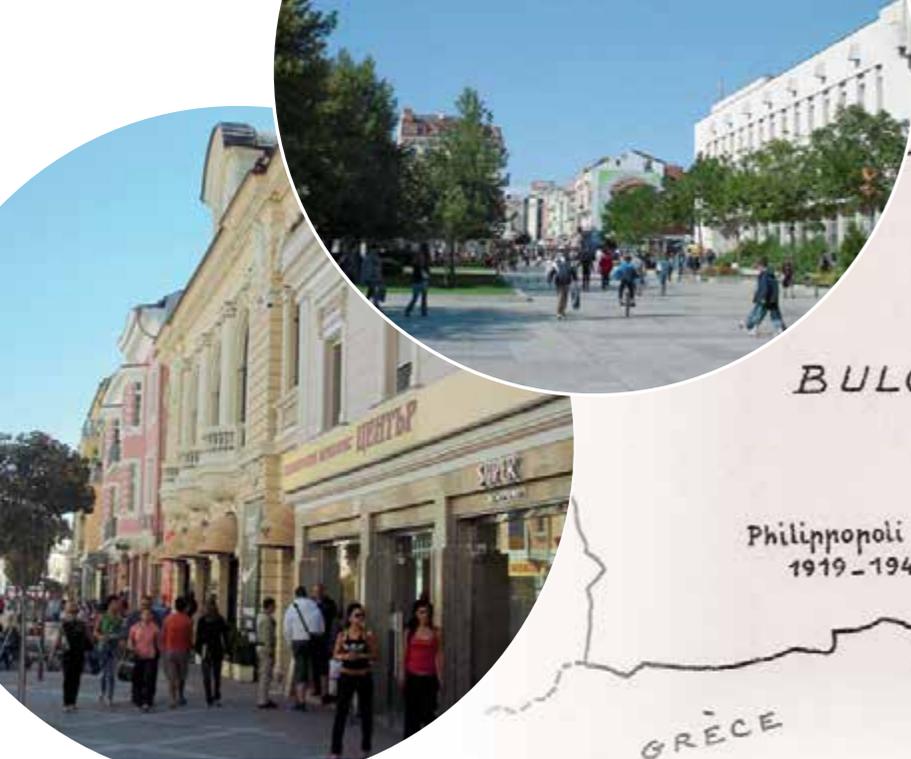
Em alguns anos, e sob o seu impulso, floresce um número de obras impressionante. As Oblatas vão abrir um orfanato, depois, com a ajuda do Padre Bartolomeu, um dispensário⁴⁶; será então, num bairro pobre, uma nova escola mista, onde os cursos serão oferecidos em búlgaro; depois um colégio externo e um hospital. Em 1878, conta-se já 21 Oblatas repartidas entre Andrinópolis e Filipópolis.



Escola gratuita - Andrinópolis 1868



Hospital - Andrinópolis



Plovdiv - Bulgária



O Padre d'Alzon, longe de afligir-se do pouco de educação de suas filhas, como o Padre Galabert que podia às vezes lamentar-se, ele se alegra de ver como os seus limites mesmo, no mistério da oferenda da suas vidas, podem servir ao advento do Reino neste canto afastado da Bulgária: **“O essencial para mim, não é que sejam numerosas, mas que pela sua santidade, cada uma trabalhe como cem.”**⁴⁷

Madre Emanuel-Maria, devido à sua saúde frágil, não pôde ir visitar as suas irmãs; ela confia plenamente no Padre Galabert. No entanto, ele pede que envie às Oblatas uma superiora local (será a Irmã Jeanne de Chantal Dugas), pois ele queria ser liberado deste cargo de governo, que ele exerce provisoriamente desde a sua chegada, e para o qual ele não é feito, como ele mesmo confessa: *“Eu pude ser muito bom em certas circunstâncias, mas com o meu caráter, teria sido difícil fazer diferente.”*⁴⁸

Em 1877, estoura a guerra russoturca, e os Padres assim como as Oblatas devem abandonar o ensino para se dedicarem ao cuidado dos doentes, dos feridos, dos refugiados e dos órfãos... O vigário apostólico fica *“surpreendido com a facilidade e a alegria com as quais as Oblatas aceitam as privações penosas que lhes impõe a sua pobreza, e da sua caridade para com os pobres doentes e as criancinhas que elas recolhem, impondo-se a si mesmas as maiores privações.”*⁴⁹

Tanto nas escolas como nos hospitais improvisados, as Oblatas mostram o mesmo rosto caritativo e maternal da Igreja, pela sua disponibilidade, cada dia, de permanecer fiéis ao envio feito pelo Padre d'Alzon e por Madre Emanuel-Maria.



Guerra balcânica - Andrinópolis 1911

47 - Lettres du P. E. d'Alzon à M. E.-M. Correnson, Bruxelles 1993, p. 235

48 - Extrait de la Session d'Orsay - juillet 1990 « Aïnès(es) Fondatrice » sur la Mission d'Orient, par le P. C. Monsch, p. 6

49 - Ibid. 48

9- O ENRAIZAMENTO DE UMA FUNDAÇÃO 1868-1880

“Quem de vós, com efeito, querendo construir uma torre, primeiro não se senta ...?”
(Lc 14,28)

Após o heroísmo do início, após a formação apressada das primeiras recrutas e a precariedade da sua vida no noviciado, após o envio audacioso das pioneiras na Bulgária, chega para a Congregação das Oblatas da Assunção a hora do enraizamento mais profundo: é no sofrimento do coração da sua mãe, e na sua colaboração com o Padre d’Alzon, que elas extrairão pouco a pouco a seiva para crescer “como uma linda oliveira na casa de Deus”.

No dia seguinte da sua profissão perpétua, a jovem superiora geral se instalou na casa de Rochebelle, no noviciado, onde ela encontra muitas dificuldades. Bem consciente da situação, o Padre d’Alzon não lhe oferece falsas consolações. Maria da Compaixão dá a luz à obra na dor:

“Sim, pobre mãezinha, você tem duros momentos a passar. Você é efetivamente a Madre Emanuel-Maria da Compaixão; eu vejo nas suas provações o indício de uma grande fecundidade. Mantenha-se no Calvário entre a Santa Virgem, o seu modelo, e Nosso Senhor, o seu esposo. Faz dez meses, você tinha que sofrer em Auteuil. Este ano, você sofrerá no Vigan; o ano que vem, será em outro lugar, e assim até ao final de sua vida. É bem cruel da minha parte conduzi-la assim à Cruz. No entanto, estou certo que você me agradecerá um dia.”⁵⁰ (21 de junho de 1868)

“E se Nosso Senhor, como eu tenho dito frequentemente, quisesse que você desse à luz a uma grande obra pela dor? (...) Maria, você quer ser a minha filha neste ponto em que nós nos oferecemos para sofrer o que agrada a Deus? Então minha filha, tenha um coração grande, imenso; seja Maria da Compaixão e não se queixe dos contratempos que causam na sua alma as dores de Jesus Crucificado.”⁵¹ (11 de janeiro de 1870)

O Padre d’Alzon continua sendo o vigário geral da diocese de Nîmes, e ele acaba recusando mais uma vez, uma proposta que lhe fora feita de aceder ao episcopado. O seu desejo de investir-se para consolidar as fundações recentes, o impulsiona a interrogar-se sobre o acúmulo das funções de vigário geral e de fundador. Mas o Papa Pio IX, manda lhe dizer de não abandonar o seu cargo diocesano, e o Padre d’Alzon se submete a esta diretiva⁵². (22 de agosto de 1864)

Em novembro de 1869, ele é enviado a Roma, como teólogo e secretário do seu bispo, Monsenhor Plantier, para assistir aos trabalhos do Concílio Vaticano I. Após os fortes debates, é proclamada em julho de 1870, a definição da infalibilidade pontifical, pela qual o Padre d’Alzon combateu com todo o ardor e entusiasmo que lhe são próprios.

Nove meses se passaram desde que ele deixou Nîmes, longos meses durante os quais, desde Roma, ele mantém uma magnífica correspondência com Madre Emanuel-Maria. Estas cartas, escritas em pleno Concílio, são a herança preciosa que ele lega a ela e às suas filhas, a verdadeira formação destinada a



Que venha o Teu Reino!
Eis-me aqui, envia-me!

50 - Lettres du P. E. d’Alzon à M. E.-M. Correnson, Bruxelles 1993, p. 122

51 - Lettres du P. E. d’Alzon à M. E.-M. Correnson, Bruxelles 1993, p. 245-246

52 - Cf. Dossiers sur la Vie et les Vertus, vol. II, T. II, p. 744



Monsenhor Plantier
(1813-1875)
bispo de Nîmes



enraizar a sua fundação, e onde ele multiplica forças, exortações, conselhos e directivas, como melhor e mais vigoroso do seu coração de pai, e também este olhar de águia que vê mais profundo, mais distante:

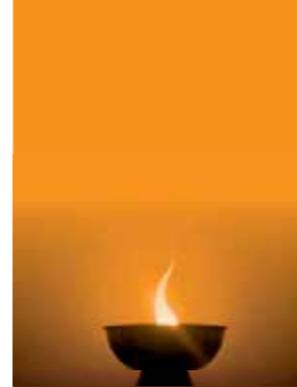
“A minha profunda convicção, é que, para a conversão dos povos, é necessário hoje, acima de tudo, deixar as formas aristocráticas. (...)

Percebe-se que aqueles para quem se celebra o Concílio, são os amigos de Deus, os pequenos e os pobres. Acreditem, o poder do futuro está lá. É pela pobreza e pela humildade que o mundo será salvo, se ele puder ser salvo.

Se algo pudesse me entristecer, seria ver a obra das Oblatas se desviar. E se eu puder procurar uma das razões da minha preferência por elas, é certamente este espírito humilde, e no meu parecer, mais apto para atingir uma porção do mundo que Nosso Senhor ama de maneira muito especial.”⁵³ (14 de dezembro de 1869)

Através das suas cartas, o Padre d’Alzon se mostra para suas Oblatas com uma exigência que não se enfraquece: ele as estimula de modo que encontrem o caminho da santidade; frequentemente, ele lhes propõe meios concretos, como é o caso durante a Quaresma; sempre, ele lhes recorda o quanto o Senhor necessita delas para a salvação das almas. Quando ele se dirige às suas filhas, parece um general do exército que fala aos seus soldados, exortando-os a ganhar um dia a palma do martírio: *“Quero que vocês tomem a resolução de se tornarem verdadeiras vítimas de amor para a salvação das almas. Um pouco de coragem, aumentem-na todos os dias. Peçam a Nosso Senhor que faça de vocês lâmpadas ardentes e brilhantes. Como São João Batista, tenham a ambição de precedê-lo por toda parte, sim, por toda parte onde Ele poderá ser melhor conhecido.”⁵⁴ (22 de dezembro de 1869)*

Quanto à sua “madre”, freqüentemente ele deixa aflorar a profunda afeição que ele tem por ela, a que ponto a sua saúde frágil o preocupa e o quanto ele reza por ela; e isto não o impede que ele seja atento a sua perfeição. *“Ah, Maria! Eu não quero que você seja uma mulhezinha, quero que você seja mais forte! Você aceita?”⁵⁵*



escreve-lhe, não sem humor, no dia 15 de fevereiro de 1870. E ao longo das suas cartas, repete, incansavelmente, sua imensa sede de vê-la comunicar às Oblatas um espírito amplo e realmente apaixonado pela Igreja: *“Isto depende de você, se deixando cair uma multidão de pequenas misérias, você se aplica a dar às suas filhas, toda a amplitude do espírito católico. Você deve ser filha da Igreja católica; você tem que ter unicamente esta grande preocupação e orientar todos os seus esforços para este objectivo.”⁵⁶ (20 de março de 1870)*

Ao seu regresso de Roma, o Padre d’Alzon continua a formar as Oblatas pelo ensino que ele lhes dá através das suas conferências, e também pela sua homilia de cada dia. Ele ajuda também Madre Emanuel-Maria a redigir as Constituições da Congregação, que dão cada vez mais poder à Superiora Geral. A cooperação dos dois é feita de diálogo e de submissão mútua, eles se consultam um ao outro nas múltiplas decisões a tomar.

“Deixa-me lhe dizer que eu agradeço todos os dias Nosso Senhor por ter-me dado uma filha, uma colaboradora como você.”⁵⁷ (5 de abril de 1878).

Chega o momento também, para a Congregação crescente, de pensar em “alargar suas tendas”. Com o fluxo das vocações, a casa de Rochebelle ficou muito pequena, e além do mais, o contrato de aluguel se termina. Pensa-se, em implantar o quanto antes, o noviciado em Nîmes, talvez nas dependências do Colégio? Finalmente, graças à generosidade da sua família, Madre Emanuel-Maria compra em Nîmes, na rua Séguier – nº 26, uma casa que se tornará a Casa Mãe das Oblatas: ellas se instalam no dia 11 de março de 1873. Pouco tempo depois, em outubro de 1873, Madre Emanuel-Maria abre um externato, e em maio de 1876, um pensionato, onde o Padre d’Alzon vem regularmente

53 - Lettres du P. E. d’Alzon à M. E.-M. Correnson, Bruxelles 1993, p. 235

54 - Lettres du P. E. d’Alzon à M. E.-M. Correnson, T. VIII, p. 83

55 - Lettres du P. E. d’Alzon à M. E.-M. Correnson, T. VIII, p. 202

56 - Lettres du P. E. d’Alzon à M. E.-M. Correnson, T. VIII, p. 275

57 - Lettres du P. E. d’Alzon à M. E.-M. Correnson, T. XII, p. 420



para pregar, confessar e celebrar a missa dominical. Mas ainda não existe a capela propriamente dita.

A decisão de construir uma capela é então tomada, e no dia 27 de junho de 1878, para recordar “aquele famoso 27 de junho”, dia em que Maria Correnson chegou em Rochebelle, o Padre d’Alzon tem a alegria de abençoar a primeira pedra do edifício sagrado. Na parte interna da pedra, é introduzido um tubo selado com o processo verbal⁵⁸ da cerimônia deste dia:

“O Padre d’Alzon o escolheu assim de modo que a vista desta pedra recorde constantemente às Oblatas presentes e futuras a lembrança desta outra pedra fundamental no nosso edifício espiritual.”⁵⁹

Um ano depois, nesta mesma capela, o Padre d’Alzon vem abençoar o sino que a sua filha batizou com o nome de “Emanuel-Maria”:

“Emmanuel será o seu nome, Maria será o meu, e a união destes dois nomes para o sino será a imagem dos nossos corações trabalhando pela mesma causa.”⁶⁰ (14 de abril de 1879)

O Padre d’Alzon designa também o lugar do seu túmulo na capela, onde ele deseja descansar após a sua morte, junto às suas filhas. Porque ele começa a sentir as suas forças diminuírem, e tem o pressentimento que a sua morte se aproxima. É nesta capela das Oblatas, no dia 11 de outubro de 1880, que ele celebrará pela última vez a missa, na intenção da sua mãe falecida em 1860.

Os seus filhos espirituais se perguntam como fazer para que o seu Pai possa terminar os seus dias em Nîmes, no seu Colégio da Assunção, pois os Assuncionistas da França estão sendo visados pelas medidas de expulsão dos religiosos, devido à sua notoriedade, as suas atividades excessivas, a sua influência. Conseguem que intervenha o prefeito com sucesso, obtendo que seu Pai não sofra estas medidas.

58 - L’Assomption, Biographies - Souvenirs-Bonnes Œuvres, 1878 & 1879, Nîmes 1879, p. 100

59 - Cf. E.S., p. 1213

60 - Lettres de M. E.-M. Correnson, Bruxelles-Paris 2005, p. 82-83

61 - Dossiers sur la Vie et les Vertus, vol. II, T. II, p. 1009

Na manhã do dia 5 de novembro de 1880, ele recebe a unção dos doentes.

Quando a Madre Emanuel-Maria Correnson chega perto dele, ele a acolhe com os olhos cheios de lágrimas: “Eu não poderei lhe dar os sacramentos como eu havia prometido. O Padre Emmanuel Bailly acaba de me administrá-los.”⁶¹



No dia 16 de novembro, eles têm uma última conversa, na qual ele a previne das provações que sem dúvida a esperam quando ele se for. Em seguida, ele lhe dá a sua bênção paternal, e, na sua pessoa, a todas as suas filhas. No dia 21 de novembro, na festa da Apresentação de Maria no Templo, na hora do Ângelus do Colégio da Assunção.



Túmulos do Padre E. d’Alzon e de Madre E.-M. Correnson



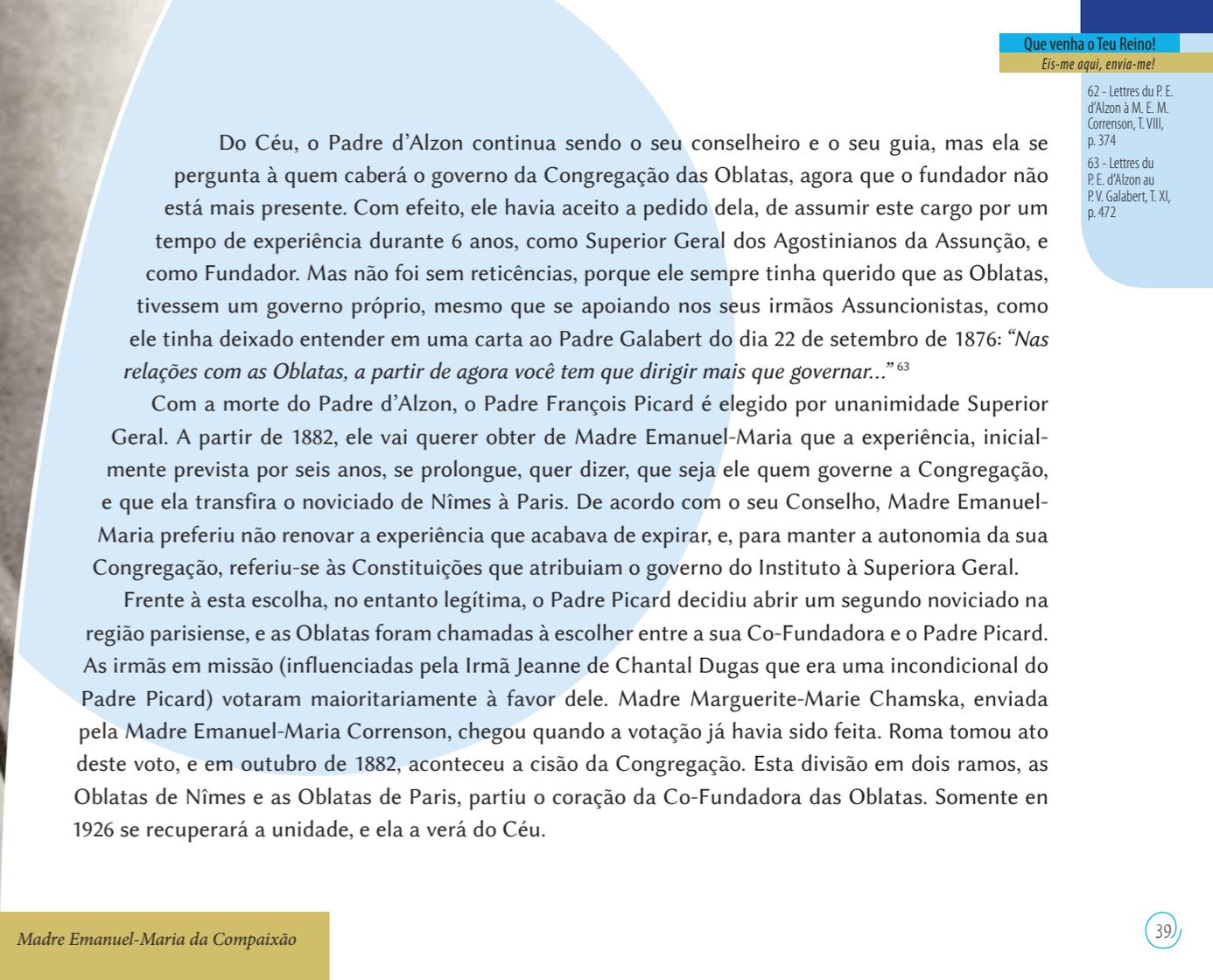
10 - JUNTO À PIETA, AS LÁGRIMAS DE UMA FUNDADORA

1880-1900

“Perto da Cruz de Jesus, a sua mãe permanecia de pé...” (João 19,25)

Madre Emanuel-Maria ouve ainda ressoar as palavras que lhe escrevia seu “Pai” de Roma, e encontra nelas a força para continuar o caminho sozinha, aos trinta e oito anos de idade:

*“Maria, Maria, façamos grandes coisas, não aos olhos do mundo, mas aos olhos daquele a quem queremos consagrar o nosso coração, sempre um pouco mais.”*⁶²
(16 de maio de 1870)



Que venha o Teu Reino!
Eis-me aqui, envia-me!

62 - Lettres du P. E. d'Alzon à M. E. M. Correnson, T. VIII, p. 374
63 - Lettres du P. E. d'Alzon au P. V. Galabert, T. XI, p. 472

Do Céu, o Padre d’Alzon continua sendo o seu conselheiro e o seu guia, mas ela se pergunta à quem caberá o governo da Congregação das Oblatas, agora que o fundador não está mais presente. Com efeito, ele havia aceito a pedido dela, de assumir este cargo por um tempo de experiência durante 6 anos, como Superior Geral dos Agostinianos da Assunção, e como Fundador. Mas não foi sem reticências, porque ele sempre tinha querido que as Oblatas, tivessem um governo próprio, mesmo que se apoiando nos seus irmãos Assuncionistas, como ele tinha deixado entender em uma carta ao Padre Galabert do dia 22 de setembro de 1876: *“Nas relações com as Oblatas, a partir de agora você tem que dirigir mais que governar...”*⁶³

Com a morte do Padre d’Alzon, o Padre François Picard é eleito por unanimidade Superior Geral. A partir de 1882, ele vai querer obter de Madre Emanuel-Maria que a experiência, inicialmente prevista por seis anos, se prolongue, quer dizer, que seja ele quem governe a Congregação, e que ela transfira o noviciado de Nîmes à Paris. De acordo com o seu Conselho, Madre Emanuel-Maria preferiu não renovar a experiência que acabava de expirar, e, para manter a autonomia da sua Congregação, referiu-se às Constituições que atribuíam o governo do Instituto à Superiora Geral.

Frente à esta escolha, no entanto legítima, o Padre Picard decidiu abrir um segundo noviciado na região parisiense, e as Oblatas foram chamadas à escolher entre a sua Co-Fundadora e o Padre Picard. As irmãs em missão (influenciadas pela Irmã Jeanne de Chantal Dugas que era uma incondicional do Padre Picard) votaram majoritariamente à favor dele. Madre Marguerite-Marie Chamska, enviada pela Madre Emanuel-Maria Correnson, chegou quando a votação já havia sido feita. Roma tomou ato deste voto, e em outubro de 1882, aconteceu a cisão da Congregação. Esta divisão em dois ramos, as Oblatas de Nîmes e as Oblatas de Paris, partiu o coração da Co-Fundadora das Oblatas. Somente em 1926 se recuperará a unidade, e ela a verá do Céu.

Madre Emanuel-Maria da Compaixão

Em 1891, outra provação espera Madre Emanuel-Maria. Ela foi convocada pela Oficialidade Diocesana, pois agora é questionada a legitimidade da denominação da Congregação, pelas possíveis confusões entre os diferentes ramos da Assunção. Será necessário esperar dois anos para que o Decretum laudis, emitido de Roma, datado do dia 13 de fevereiro de 1893, coloque fim ao processo diocesano reconhecendo o Instituto das Oblatas da Assunção.

É durante estes dolorosos anos que as Oblatas de Nîmes podem observar cada dia, a sua mãe indo rezar no jardim, em frente à estátua de Nossa Senhora das Sete Dores, onde ela une suas lágrimas às lágrimas da Pieta et sua oferenda à oferenda da Virgem Maria.

Em 1897, diante do estado de saúde cada vez mais precário desta mãe dolorosa, Roma pede a convocação de um Capítulo Geral, em vista de substituí-la nas suas funções. Madre Emanuel-Maria se inclina silenciosamente frente à decisão de Roma, e toma lugar entre as suas irmãs. Madre Marguerite-Marie Chamska, sua assistente, é então eleita Superiora Geral, no dia 18 de setembro.

Liberada do peso da responsabilidade, Madre Emanuel-Maria continua a dar à luz à Congregação pela aceitação generosa da sua fraqueza, e pela oferenda do seu coração partido. Ela participa diariamente da missa na capela da rua Séguier, até este dia 23 de julho de 1900, onde ela não pôde comungar. No início da tarde do dia 24, a comunidade se reúne ao redor da sua cama, no momento em que ela recebe os últimos sacramentos: ela não fala mais, mas parece compreender. É a hora dos adeuses, as irmãs a beijam, uma de cada vez, antes de irem à Capela. Enquanto elas estão cantando as Vésperas, ela adormece na paz, inteiramente entregue ao seu Esposo, e certa de que Ele cumprirá seus desígnios na hora certa. É do Céu que ela se alegrará com o retorno à unidade da sua família religiosa, a quem ela ofereceu, dia após dia, o melhor do seu coração de mãe...

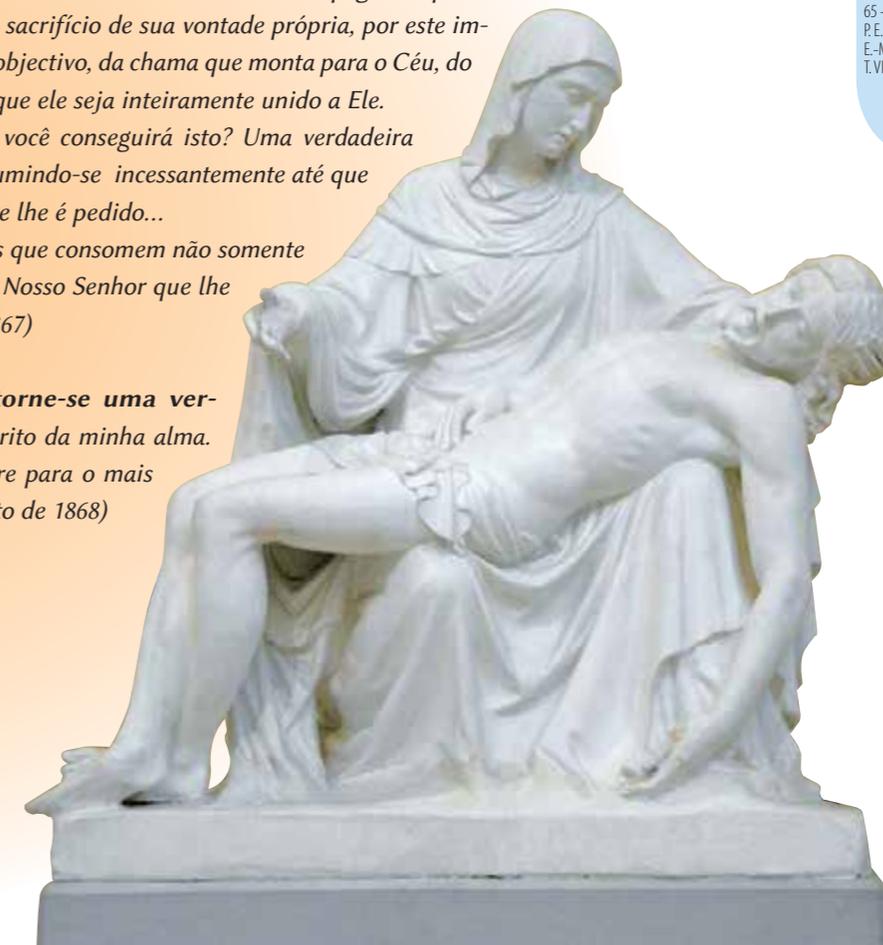
Que o Padre d'Alzon nos repita ainda a ambição que ele tinha para com a sua filha Maria Correnson, e que tem para com cada uma das suas filhas, a sua ambição de vê-las santas, a sua ambição de vê-las fazer que Cristo reine em toda parte!

“O que devemos ser se realiza por uma luta incessante, um desapego completo do mundo e de si mesmo, pelo perpétuo sacrifício de sua vontade própria, por este impulso da flecha que parte para o seu objectivo, da chama que monta para o Céu, do amor que voa para Deus e sofre até que ele seja inteiramente unido a Ele.

Oh! querida mãezinha! Quando você conseguirá isto? Uma verdadeira esposa, um verdadeiro serafim, consumindo-se incessantemente até que você seja uma, com Deus! Isto é o que lhe é pedido...

Você deve ter chamadas contagiosas que consomem não somente a sua alma, mas todas as esposas de Nosso Senhor que lhe serão confiadas.”⁶⁴ (19 de maio de 1867)

“Minha filha, minha filha, torne-se uma verdadeira santa. É o mais legítimo grito da minha alma. Compreenda-o e comece indo sempre para o mais alto e o mais perfeito.”⁶⁵ (14 de agosto de 1868)



Uma expansão universal



Caída em terra e semeada pela vida oferta do Padre d'Alzon e de Madre Emanuel-Maria Correnson, a pequena semente das Oblatas da Assunção cresceu lentamente. É na região afastada de Cévennes, de onde provêm os seus Fundadores e os seus primeiros membros, que a história da Congregação começou humildemente, em vista de uma missão bem particular, num país bem preciso, a Bulgária.

Mas durante este século e meio decorrido, o que aconteceu? Neste início do século XXI, embora a Casa Mãe da Congregação permaneça em Nîmes, e a Casa geral em Paris, as vocações já não vêm mais apenas da França e a Congregação semeou bem mais além da Bulgária e do Oriente, se abrindo amplamente na África, se implantando na América Latina, hoje também na Ásia, e se tornando finalmente internacional, estendida em mais de vinte países.

A história das Oblatas se casa é claro, com a história de toda a Igreja, que vê envelhecer a Europa, obrigada a fechar casas por falta de vocações, e que ao mesmo tempo, assiste a um florescer de vocações em outras partes do mundo. Mas esta expansão universal não é também a mais bela prova de fidelidade ao espírito missionário dos Fundadores? **“Minhas filhas, ireis além dos mares!”**

Atualmente, a superiora geral não é de origem francesa. De fato, Irmã Felicia Ghiorghies é Romena. Mas, há mais de dez anos, o Conselho geral é composto de Irmãs de diferentes continentes: Europa, África, Ásia. Uma das mestras de noviças veio do Congo para a França, as noviças são convidadas a fazer estágios no exterior... **Internacionalidade, intercontinentalidade, interculturalidade**, tantos traços que honram um Fundador de espírito amplo, aberto às necessidades de uma Igreja católica, portanto, universal.

Estátua de bronze escultada em 1891 por Madre Myriam Franck O.A.

No Oriente

No início da história, de fato se tratava das Oblatas partirem para a Bulgária, mas rapidamente, ficou evidente que elas deveriam ir não somente no oriente, mas em toda aparte onde seria necessário, com esta flexibilidade de espírito que caracterizava Madre Emanuel-Maria da Compaixão, e as Irmãs que lhe sucederão no governo.

Da mesma maneira, se o projeto inicial tivesse sido confiar às Oblatas principalmente escolas, os acontecimentos iriam modificar a orientação deste projeto, pois no Oriente, as Oblatas seriam confrontadas a muitas provações que haveriam de enfrentar, especialmente todo um encadeamento de guerras e de epidemias.

De fato, em 1877, dez anos após a primeira fundação em Andrinópolis, é declarada a guerra entre a Rússia e a Turquia: os Russos atravessam a Bulgária e se apoderam durante meses da cidade de Andrinópolis. Espontaneamente, as Oblatas, de acordo com o Padre Galabert, colocam suas casas e suas escolas à disposição dos feridos, dos doentes, dos refugiados e recolhem as crianças abandonadas. É para elas o início de um novo campo de apostolado com a criação de ambulatórios, de orfanatos, de hospitais.

Em 1913, estoura uma outra guerra nos Balcãs: outra vez, Andrinópolis é tomada em pleno inverno, durante cinco meses, e bombardeada. Os Padres e as Irmãs permanecem ao seu posto no meio da população, sofrendo como eles a fome e as epidemias, e se sacrificando em levar-lhes socorro. Madre Jeanne de Chantal visita e trata, a Ismidt, os milhares de prisioneiros militares e civis, concentrados em um campo. A entrega que as Oblatas mostram incansavelmente durante esta guerra lhes vale sem dúvida de ver surgir novas vocações locais e é também a ocasião de uma aproximação com as Igrejas ortodoxas. Nessa época, a Congregação conta com cerca de 250 membros nos países da Missão do Oriente, 120 vindos da França, e já 130 vindos da Grécia, da Armênia, da Romênia, da Turquia, da Sérvia, da Eslovênia e da Croácia.

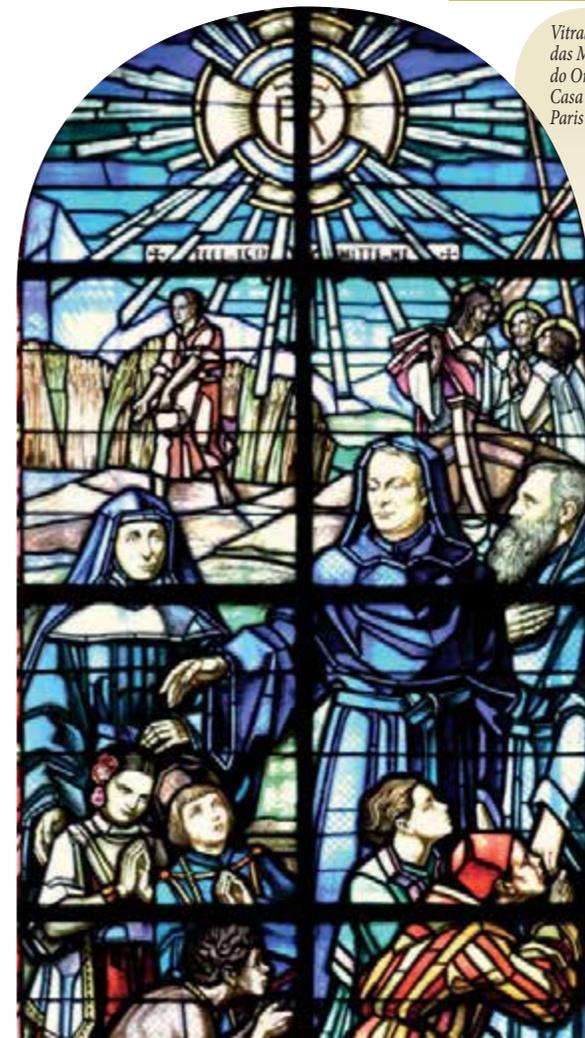
Em 1922, é a guerra grécoturca. Novamente, as escolas das Oblatas se tornam refúgios, e 15.000 refugiados gregos são acolhidos nas casernas de Selimieh perto de Haïdar Pacha, numa grande miséria. As Irmãs partem para cuidar dos pacientes atingidos pelo tifo. Irmã Eftykia (Grego) e Irmã Immaculata (Armênia) são vítimas da epidemia.



Andrinópolis 1913



Plovdiv, Bulgária





Expulsas do Oriente, especialmente pela brutal repressão que seguiu o tratado de Lausana, as Oblatas recuam então para um Oriente mais próximo: a Iugoslávia, em Belgrado, e a Romênia, onde chegam em 1925, a pedido de Monsenhor T. Frentiu, Bispo de rito bizantino, para cooperar com os Religiosos Assuncionistas.



Hospital Panduri, Bucareste

Mas uma longa provação as espera a partir de 1948: na Romênia, a instauração do regime comunista vai provocar a sua dispersão provisória. Em novembro, de fato, as Irmãs são obrigadas a deixar a sua casa em três dias, mesmo continuando a trabalhar no hospital, mas o regime de detenções arbitrarias as encontra. O Oriente se torna então a "Província desolada": detrás da cortina de ferro, certas Irmãs velam e rezam no silêncio, outras retornaram para a França, duas dentre elas são encarceradas (e serão liberadas apenas no início dos anos 60). Madre Marie-Augustine VIGNE, Madre Christiane-Marie MELLERIO e Madre Georgette-Marie FAYOLLE, Superiores gerais na época, fazem várias visitas clandestinas com pretexto de turismo, para encontrar as Irmãs.

No momento da queda da cortina de ferro, em 1989, algumas Oblatas estavam ainda presentes em Bucareste e Bacau (Romênia), na clandestinidade, e em Istambul (Turquia). Com o fim do comunismo, é um renascimento para a Província da Romênia, que conhece um fluxo de vocações locais. Novos projetos nascem em colaboração com os Padres Assuncionistas, de modo que as Oblatas possam retornar aos seus países de origem, em torno do Mar Negro: reencontro progressivo das Irmãs dispersas, acolhida e formação das noviças, de projetos apostólicos. Em 1992, abre-se um noviciado na Romênia, em seguida novas comunidades nascem na Moldávia e Transilvânia.

Mosteiro ortodoxo Sucevita, Romênia



A partir de 1993, as Oblatas fundam novamente na Bulgária, em Plovdiv, e projetam de se instalar em Moscou e em Jerusalém, que elas haviam abandonado respectivamente há oitenta e seis anos e quarenta e seis anos.

Grande espírito de fé, de flexibilidade frente aos acontecimentos, de disponibilidade total para com os pobres e os sofredores, de abertura a todas as obras que se apresentam, de renovação de coragem após a provação, não é o que terá caracterizado, durante todos estes anos, a Missão de Oriente?



Jerusalém, Israel



Moscov, Rússia



Na Europa

Nos primeiros anos da sua fundação, dois grandes eixos se desenham claramente para as Oblatas da Assunção: elas têm, de um lado, o seu berço na França, e do outro, a sua terra “de missões estrangeiras” exclusivamente no Oriente.

Na França estão as suas raízes, na França também, ao lado do seu noviciado e das múltiplas obras de educação que lhes são confiadas, existe seu campo de apostolado o mais original: a colaboração quotidiana com os seus irmãos Assuncionistas na obra de Bayard Presse e a publicação do jornal *La Croix* (A Cruz). Desde 1883, com efeito, as Oblatas aprendem, sem medir os seus esforços, os ofícios da imprensa diária.

Em seguida, como no Oriente, são os acontecimentos externos que vão modificar a trajetória inicial da Congregação. De fato, na França, os religiosos são expulsos após as leis anticlericais de 1901. Madre Marguerite-Marie Chamska, a Superiora geral que sucedeu à fundadora, procura refúgios seguros no exterior, e estuda o modo como as Irmãs podem emigrar para os países limítrofes. Ela transfere a comunidade de Nîmes para Bramois, no cantão de Sion, na Suíça, onde permanecerão apenas alguns meses.

Madre Marguerite-Marie Chamska



As Oblatas nos ateliers de Bayard Presse



Itália - Pastoral da Juventude



Hulsberg, Holanda



Froyennes, Bélgica

Ela envia um outro grupo de Irmãs para Florença, na Itália, em 1902, e designa as outras Irmãs para três casas da Armênia, bem como na Bélgica, onde uma primeira fundação havia existido em Marchienne-au-Pont, em 1894, por iniciativa da fundadora. Finalmente, em 1903, ela envia algumas Irmãs da casa da Bélgica para a Holanda, onde o bispo de Roermond oferece uma grande casa. É o início de uma missão fértil na Holanda: as vocações chegam a partir de 1919, funda-se um noviciado local,

Que venha o Teu Reino!
Eis-me aqui, envia-me!

Rússia 1995

Romênia 1925

Inglaterra 1903

Holanda 1903

Itália 1902

Bélgica 1894

Bulgária 1868

França 1865



Londres, Inglaterra

e regularmente abrem-se novas casas. A fundação na Inglaterra data também de 1903. Em toda parte, todos os lugares onde elas são enviadas, as Oblatas desenvolvem obras educativas, sociais e pastorais, abrem escolas, clínicas, creches, experimentando, como sempre, uma grande disponibilidade de coração e uma notável capacidade de adaptação. Obedecendo aos acontecimentos externos, as Oblatas começam assim a se estenderem pela Europa e... pela América do Norte.

Respondendo ao convite dos Padres Assuncionistas de Worcester, Bóston (EUA), em 1956, elas abrem uma comunidade ao serviço do Colégio para os estudos superiores. Após o desenvolvimento dos apostolados das Irmãs em vários domínios, as comunidades dos EUA dependem da Província da Holanda. Elas ficarão ali até 1977.

Na Irlanda do Norte, abre-se uma casa em 1969 em Armagh, a pedido do cardeal Conway, mas a experiência durou pouco: em Outono de 1972, as irmãs vêm criar-se barricadas na frente do seu convento e, neste clima de insegurança, a superiora prefere vê-las deixar a região. É necessário esperar até 1983 para que se retome à missão irlandesa, desta vez na Irlanda do Sul, não distante de Dublin.



Lille, França

Que venha o Teu Reino!
Eis-me aqui, envia-me!

Após o Concílio Vaticano II, durante o mandato de Madre Christiane-Marie Mellerio, é para algumas Oblatas da França um tipo de envio bastante inédito, com o propósito de responder às necessidades da Igreja neste mundo em plena mutação: criam-se pequenas comunidades nas periferias populares da região parisiense cada vez mais descristianizadas, no meio das cidades. Respondendo à preocupação missionária dos bispos, pela flexibilidade de sua vida consagrada, as Oblatas mostram que são capazes de se adaptarem a novas formas de pobreza.

Nesta Europa que envelhece, nada altera a resposta generosa das Oblatas que vivem até o extremo a sua divisa: “Envia-me”, que seja em ateliers de imprensa, ou nos países em que se impõem o diálogo ecumênico, ou ainda nas periferias descristianizadas.



Nîmes, França



Beaucaire, França



Casa geral, Paris



Na África

Para retomar as palavras de Marie de Crisenoy, o itinerário da família das Oblatas passa então “do Oriente desolado e dos Cristãos do Ocidente, ao desenvolvimento das Igrejas negras”: uma vez mais, elas devem ser flexíveis frente aos acontecimentos da história e às necessidades dos tempos. Fiéis à palavra do seu Mestre, as Oblatas sabem passar de um país à outro: “Quando as expulsarem de um país, vão em outro...”

Assim Madre Berthe-Marie Paré, Superiora Geral desde 1926, fecha as casas da Turquia em 1935, e no Natal do mesmo ano, funda o posto de Béni, no Congo Belga, atual R.D. do Congo. É o início da implantação das Oblatas na África, onde elas se juntaram aos seus irmãos Assuncionistas, que já estavam lá desde 1929 e se davam conta que a Igreja nascente corria o risco de ser demasiada masculina. “Enquanto não tivermos religiosas, as nossas missões serão como famílias sem mães...”⁶⁶ havia escrito a Madre Berthe-Marie Paré, o Padre Henri Piérard, Superior da missão, para explicar a necessária presença das Oblatas ao lado deles, especialmente em vista da educação da mulher africana. Para se preparar a esta missão longínqua e exigente, duas Oblatas fazem os estudos de medicina tropical em Lille e as futuras missionárias se esforçam para aprender a língua dos indígenas.

Desde os primeiros dias em Béni, conduz-se às Irmãs alguns recém-nascidos órfãos: é assim que se cria, na necessidade, um orfanato.

Hospital, Butembo, RDC

Kinshasa, RDC

Em seguida, uma escola primária, um ambulatório, uma maternidade e um atelier de costura. Depois deste desenvolvimento apostólico, em 1938, abre-se uma segunda comunidade em Manguredjipa.

No Congo Belga, as Oblatas trazem a sua preciosa contribuição, primeiro na área da educação e da emancipação da mulher. Em 1940, nesta mesma perspectiva, Madre Marie-Michael Rainfray decide abrir outra casa em Muhangi Sainte-Marie, onde as Oblatas se ocuparão da formação das jovens africanas, e se colocarão a serviço dos leprosos abandonados.

Em março de 1948, as Oblatas se instalam em Bunyuka onde é transferido o orfanato de Manguredjipa. Monsenhor H. Piérard que havia conseguido a autorização de fundação de uma Congregação diocesana, solicita as Oblatas para a formação de novas Irmãs. Madre Joseph Bruijn, O.A. se torna a primeira Superiora geral e mestra de formação na Congregação das Irmãzinhas da Apresentação de Maria ao Templo (PSP).



Kênia 2014

Gabão 2013

Uganda 2011

Tunísia 2010

Burkina Faso 2000

Tanzânia 1998

Ruanda 1981

Costa de Marfim 1975

Congo 1935

Escola primária, Butembo, RDC





O mesmo bispo assuncionista, H. Piérard, convida as Irmãs Oblatas para criar um pensionato para os filhos dos colonos, em Butembo. Em agosto de 1943, nasce o pensionato Nossa Senhora da Assunção, que em poucos anos ganha uma grande reputação. O estabelecimento faz sucesso, para se tornar em breve um viveiro de vocações, ao ponto que as Oblatas abrem, em 1959, um postulado para as moças indígenas. Inicialmente, as noviças africanas são então enviadas a Bélgica para sua formação, e mais tarde, em 1969, a decisão é finalmente tomada de abrir um noviciado no Congo.

Ao mesmo tempo, as Oblatas são solicitadas para melhorar a saúde pública da população congolosa. Em 1949, uma nova fundação em Musienene, para ajudar um médico belga que acaba de criar um hospital para os indígenas. Irmã Renée-Guido Popa, que é médica de origem romena, dirigirá este hospital até 1988. Na mesma época, as Oblatas assumem igualmente a responsabilidade de outro hospital, em Mutwanga.

O ano de 1964 se torna difícil para o Congo Belga, onde sopra o vento da rebelião: as atrocidades da guerra civil e as suas devastações obrigam as Oblatas a deixarem provisoriamente o país. Logo que as tensões foram acalmadas, algumas irmãs retornam fielmente a seu posto. Alguns anos depois, entre 1970 e 1973, nascem três novas fundações em Butembo, em Mangina, em plena floresta equatorial e em Béné-Cité. Em setembro de 1975, o governo congolês faz uma tentativa de nacionalizar o ensino, e expulsa as Congregações das escolas que elas haviam aberto, mas esta tentativa falha: no dia da volta às aulas, em 1977, as Oblatas são chamadas novamente e generosamente, retomam as suas escolas.



Ferke, Costa de Marfim



Sinematiali,
Costa de Marfim



Rukomo, Ruanda

Nos anos 70, a missão no Congo conta com cerca de quarenta membros repartidos em oito casas, um crescimento que vai ser a origem de uma nova expansão na África. A internacionalidade começa a se desenvolver no nível do continente africano, pois, as irmãs congolosas se tornam missionárias em outros países da África.

De fato, durante o mandato de superiora geral de Madre Georgette-Marie Fayolle, o projeto de uma fundação na África do Oeste, é estudado e será em Napiéléougou, Costa de Marfim, onde as Oblatas se instalam em dezembro de 1975. Uma Irmã congolosa é assim enviada em Costa de Marfim. Mas a evangelização do país não é fácil, pois a população é maioritariamente muçulmana ou animista...

Mais tarde, outras Irmãs congolosas são enviadas como missionárias ao Ruanda. Em 1981, a pedido do bispo, as Oblatas se implantam no país para trabalhar na área da saúde, onde há muito que fazer. No início dos anos 90, o clima político começa a piorar, e o genocídio se prepara em fogo brando. As Oblatas presentes no local semeiam entre lágrimas, pois no dia

25 de fevereiro de 1992, duas das suas irmãs são assassinadas, gratuitamente, à imagem dos mártires dos primeiros séculos: trata-se de Irmã Renée-Guido Popa, que, após anos de doação como médica no Congo, acaba de chegar no país para ensinar o francês às jovens ruandesas, e de uma aspirante autóctone, Françoise Nyirangendo. A casa em luto é então fechada, para retomar a missão a partir de 1995.



Que venha o Teu Reino!
Eis-me aqui, envia-me!



Irmã Renée-Guido Popa



Wasso, Tanzânia

Em 1998, a Tanzânia se torna por sua vez terra de missão: três anos após a chegada dos seus irmãos Assuncionistas, as Oblatas são chamadas pelo bispo de Arusha. Progressivamente, as Irmãs se comprometem em vários níveis: na educação das jovens em Arusha e em Wasso, na formação dos professores em Loliondo, na saúde no hospital de Wasso que acolhe a população Massai. A contribuição pastoral e catequética para a vida das comunidades de base, a colaboração ao desenvolvimento da Igreja local de Arusha nas diferentes estruturas da arquidiocese, o compromisso ao serviço dos mais pobres são alguns dos aspectos da missão das Oblatas na Tanzânia. Esta Região acolhe jovens em formação de vários países da África do Leste. Hoje, respeitadas e amadas, elas ganharam progressivamente a confiança do povo tanzaniano na sua variedade cultural.



Família Massai

No ano de 2000, eis que elas chegam no Burkina-Faso! Monsenhor Anselme Sanon, Bispo de Bobo-Dioulasso convida as Oblatas de Costa de Marfim para trabalhar nas escolas primárias da sua diocese. O terreno parece propício para a evangelização, e jovens moças se sentem atraídas pela maneira que vivem as religiosas.

Em 2001, as Oblatas chegam em Brazzaville para a formação das jovens à vida religiosa. Por causa da insegurança no país, a comunidade se muda para Kinshasa. As Irmãs retornaram em 2007 e permaneceram até 2013. A sua missão consistia no ensino, na saúde e no trabalho pastoral da paróquia “São Kisito”.

Bobo Dioulasso, Burkina-Faso

Sobre o jovem continente africano, o ramo das Oblatas semeado em 1935, se mostrou de uma excepcional vitalidade, sem dúvida alimentado por tantos sofrimentos oferecidos e por uma fé vigorosa. Em 2011, ele se tornou uma linda árvore que se estende nas diferentes regiões da África: na África Central, três comunidades em Kinshasa; na África do Oeste, duas comunidades na Costa de Marfim e duas no Burkina-Faso; na África do Leste, quatro comunidades no Ruanda e cinco na Tanzânia. É em resposta aos apelos de evangelização que as Oblatas abrem em 2011 uma comunidade no Uganda, depois em 2013, uma comunidade no Gabão e uma no Quênia em 2014.

Mas, o sinal mais bonito deste surpreendente crescimento, não seria por acaso que a província do Congo pôde enviar por sua vez mais de 80 Oblatas em missão nos quatro cantos do mundo?



Kasese, Uganda



Rukomo, Ruanda



Ngoma, Uganda



Na América Latina

Como foi o caso na África, para responder aos apelos da Igreja, foi por intermédio de bispos Assuncionistas, que as Oblatas se voltam para a América Latina. Mas curiosamente, as suas primeiras implantações neste continente latino-americano são relativamente tardias, pois elas datam de meados do século XX.

A primeira missão na América do Sul se situa no Brasil, em 1964: o bispo Assuncionista de Jales, Monsenhor Horthuis, pede às Oblatas da Assunção que ajudem os seus Irmãos implantados em sua diocese, especialmente na área da saúde, mais tarde, na catequese e na formação dos agentes de Pastorais. Algumas Irmãs da Holanda e uma da França são enviadas ao Brasil.

Outras fundações se abrem em seguida, primeiro em Santa Fé do Sul na diocese de Jales, depois em Andradadas e em Campinas. Em 1993, em direção ao Estado do Amazonas, em Tapauá, o ardor missionário das Oblatas e o apelo angustiado dos Bispos as impulsionam a doar-se a serviço das regiões mais abandonadas, e às vezes de uma maneira tão original quanto audaciosa.

Assim as irmãs visitam de barco cada 2 meses, os povos Indígenas e as comunidades ribeirinhas, em missões que duram algumas semanas; para que o Evangelho lhes seja anunciado, elas estão prontas à todos os sacrifícios, e o barco da Paróquia se torna sua casa com suas redes e seu minúsculo fogão! Alguns anos depois, as Oblatas estão em Manaus, capital do Estado do Amazonas.

Tapauá, Amazonas



Tapauá, Amazonas

Em 1980, durante as celebrações do centenário da morte do Padre d'Alzon, quando a Família Assuncionista tem uma magnífica ocasião de se encontrar e compartilhar as diversas experiências missionárias, um novo projeto nasce para a América Latina. Com o objectivo de ajudar os seus irmãos Assuncionistas no Chile, as Oblatas decidem fundar neste país. A primeira implantação data de 1982 em Valparaiso, seguida de Rengo e Santiago. Através das obras paroquiais, o estabelecimento de ambulatórios, e outras obras ainda, elas se dedicam sobretudo em criar verdadeiras relações de solidariedade com as populações locais. Elas ficaram ali até 2007.

Entre 1995 e 1999, as Oblatas estão no Haiti a serviço dos pobres e dos enfermos. A situação de guerra as obrigam a deixar esta missão.



Irmãs da Região Brasil-Paraguai



Paraguai 2007

Brasil 1965

Quanto à chegada ao Paraguai, se trata também do fruto de encontros e de partilhas: a Providência permitiu que relações de amizade se criem entre padres do Paraguai fazendo seus estudos em Roma e as Oblatas da Itália. A partir daí, dóceis ao Espírito, algumas irmãs respondem ao convite destes padres para fundarem no seu país. Em 2007, uma fundação é lançada pelas Irmãs italianas e brasileiras, com a idéia de inserir-se nas comunidades de base do país, e de ajudar as jovens na sua busca vocacional. Um noviciado latino-americano abre suas portas em 2015 para as jovens brasileiras, paraguaias e mexicanas.

Na América Latina, as Irmãs vivem do seu trabalho assalariado: trabalho paroquial e social, vendas diversas, produtos da terra, etc. Elas estão inseridas também na catequese e na animação das comunidades locais, dão cursos de informática, de idiomas, de pintura, etc.



São Lourenço, Paraguai

Dança Paraguaia, executada pelas jovens irmãs

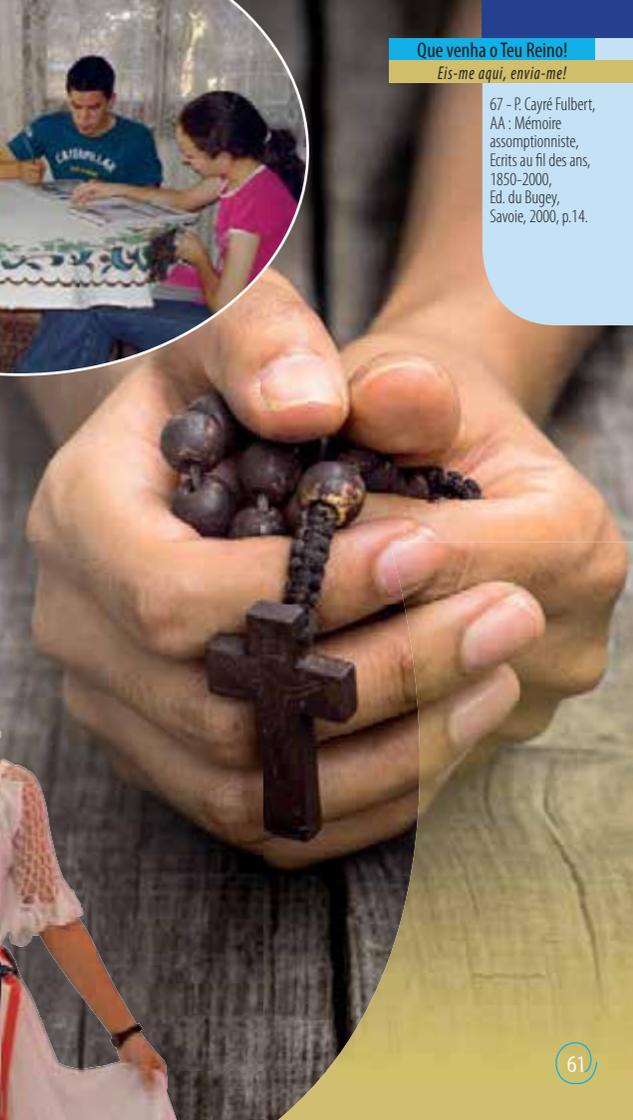
Não seria viver assim o lema de São Paulo que o Padre d'Alzon havia dado à Madre Emanuel-Maria: a divisa de “fazer-se tudo à todos” (1Cor 9,22)? Como o escrevia há muito tempo um Padre Assuncionista, “a Congregação, fora a santification dos seus membros, tem um objectivo universal, na maneira pela qual ela realiza sua missão, se encontram traços originais, herdados do seu fundador, que constituem a sua personalidade e caracterizam a sua ação...”⁶⁷.

Aqui está efetivamente o segredo da inculturação, este segredo de “fazer-se tudo à todos”, que se vive plenamente nas missões das Oblatas na América Latina, e que lhes permite adaptar-se a realidades que lhes eram naturalmente estrangeiras.

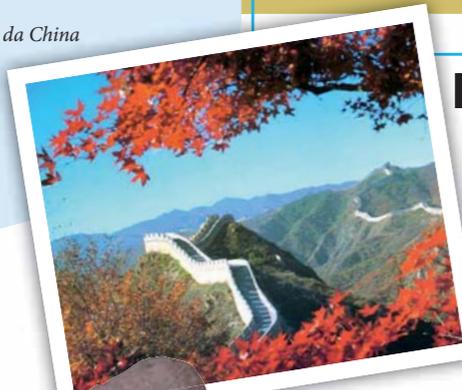


Que venha o Teu Reino!
Eis-me aqui, envia-me!

67 - P. Cayré Fulbert, AA : Mémoire assumptionniste, Ecrits au fil des ans, 1850-2000, Ed. du Buguey, Savoie, 2000, p.14.



Muralha da China



Na Ásia

Às suas queridas Oblatas, o Padre d'Alzon anteriormente tinha dado como "limites a grande muralha da China..."⁶⁸, e sob este sopro profético, as suas filhas estão prontas para todos os avanços, todas as travessias, para que venha o Reino de Deus. Chegando na Coreia do Sul, elas foram bem mais além do que a grande muralha da China!

A história da missão coreana começa com Paulina Shim, originária da Coreia, cujo pai se converteu à fé cristã. Em 1964, Paulina entra na Comunidade das Oblatas na Bélgica. Quando a Congregação escuta o chamado para avançar



Mokpo, Coreia



Gwangju, Coreia

em direção da Ásia, para responder ao desejo do Fundador de ver as suas filhas irem "até às extremidades do Oriente", é naturalmente para esta Irmã coreana que o olhar das superiores se volta. Trata-se de começar as documentações necessárias junto às autoridades religiosas locais de Gwangju e de Séoul. Em 1985, com o acordo do bispo, Monsenhor Youn, as Oblatas se instalam em Mokpo na Coreia do Sul, elas são duas irmãs para começar, e são en-

carregadas das obras paroquiais. Devido ao pedido de jovens que se apresentam, elas abrem alguns meses mais tarde um noviciado não distante dali. Em 1990, elas fundam uma casa em Gwangju, onde cuidam das pessoas idosas, e em 1999, elas se instalam também em Séoul, onde trabalham em colaboração com a paróquia.

Um pouco mais tarde, as Oblatas pensam em implantar-se no Vietnam, onde os seus irmãos Assomptionnistes as precederam já há alguns anos: uma Irmã de origem vietnamita será a pioneira desta implantação neste país. Irmã Marie-Paulette Alaux, é com efeito, encarregada de fazer os primeiros contatos com a Igreja local. Em 2006, em visita com Irmã Claire Rabitz, Superiora geral, elas encontram o Padre Bosco, religioso franciscano e encarregado de despertar vocações. Responsável do Lar dos jovens, ele lhes



China 2013

Filipinas 2010

Vietnam 2009

Coreia 1985

Israel 1935

Turquia 1889



Saigon, Vietnam

promete a sua colaboração e facilita o encontro com jovens que pensam na vida religiosa e que gostariam de conhecer a vida das Oblatas.

Com o acordo do Bispo, a superiora geral as convida a começar a iniciação à vida religiosa, na França. Em 2008, Irmã Marie-Paulette passa a morar no Vietnam e em 2009 começa a fundação oficial na cidade de Ho Chi Minh. Pouco tempo depois, as jovens vietnamitas começam a formação no seu próprio país e em agosto de 2014 acontece a abertura do noviciado.

Graças às iniciativas da Congregação na Ásia e às circunstâncias providenciais, a China vem em direção às Oblatas. Para acolher e formar as primeiras vocações da China, uma comunidade foi aberta em Manilha (Filipinas) em 2010.

Assim, quando se fala da Ásia, torna-se evidente que as Oblatas estão ainda à aurora de uma nova aventura missionária.

“Apesar da fragilidade de nossas comunidades asiáticas da Coréia, do Vietnam, das Filipinas e da China - explica Irmã Felicia, superiora geral das Oblatas da Assunção, eu realizo o quanto a nossa missão é bonita e comprometedora. Ela traz acentos diferentes e matizes em função do contexto sociocultural e político. Quase em todos estes países, existem dois elementos comuns: o anúncio do Evangelho realizado pelos leigos e a religião que tem um lugar fundamental na vida das pessoas. O catolicismo encarna a modernidade.



Manilha, Filipinas

É um desafio considerável para a Igreja universal e particularmente para a Igreja da Ásia e para a nossa Congregação.

As Oblatas asiáticas ou aquelas que são chamadas a ser missionárias na Ásia deveriam sentir-se à vontade com o triplo objetivo de evangelização visto em termos de diálogo: **diálogo com as religiões** (o budismo, o confucianismo, o taoísmo, etc.), **com as culturas e com os pobres**. Fiéis a nosso carisma, queremos ser mulheres de diálogo, de comunhão e de unidade

ao serviço dos mais necessitados. Cabe a cada uma de abrir

o seu coração às dimensões do mundo e de olhar sempre mais além!”

Olhar mais além, é olhar em direção à China, onde surgem para as Oblatas novas vocações, como uma resposta ao chamado recebido, desde 1935, pelos seus irmãos Assuncionistas que partiram para fundar em Mandchourie. Assim, uma primeira comunidade foi aberta em 2013 e uma segunda em 2014.

Muralha da China



Uma Congregação Internacional

150 anos após a sua fundação em Nîmes, fiéis à sua vocação missionária, as Oblatas da Assunção se tornaram uma Congregação internacional. O desafio que elas devem enfrentar é o mesmo que aquele do início, o de “fazer chegar o Reino” em toda parte, e em todos os corações. Mas este desafio, é necessário assumi-lo num mundo onde se encontram todas as culturas e todas as religiões, num mundo onde os intercâmbios e os contatos se multiplicam.

“Avancem para águas mais profundas!”⁶⁹ disse o Mestre. Este desafio missionário as impulsiona a irem sempre mais longe, convida-as a serem inventivas para que o Cristo seja anunciado de todas as maneiras, as convida também à uma solidariedade renovada com a Igreja local e com a grande Família da Assunção.



Casa Geral - Paris

SUMÁRIO

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	p. 03
HISTÓRICO	p. 04
1. A infância e a juventude de Emanuel Daudé d’Alzon (1810-1832)	p. 05
2. A sua formação espiritual até a sua ordenação (1832-1834)	p. 08
3. O Abade d’Alzon à serviço da Diocese de Nîmes (1835-1844)	p. 10
4. Do Colégio de Nîmes até a fundação dos Agostinianos da Assunção (1845-1857)	p. 13
5. “Abençoo as suas obras do Oriente...” (1860-1865)	p. 16
6. A Fundação das Oblatas da Assunção (1865)	p. 19
7. Uma Fundadora para a Congregação das Oblatas (1866-1868)	p. 21
8. A partida para a Missão do Oriente (1868)	p. 27
9. Enraizamento de uma Fundação (1868-1880)	p. 32
10. Junto à Pietà, as lágrimas de uma Fundadora (1880-1900)	p. 38
UMA EXPANSÃO UNIVERSAL	p. 42
No Oriente	p. 44
Na Europa.....	p. 48
Na África	p. 52
Na América Latina	p. 58
Na Ásia	p. 62
Uma Congregação Internacional.....	p. 66

IRMÃS OBLATAS DA ASSUNÇÃO

Rua JF Lobo 365 – Caixa Postal 71
CEP: 37 795 000 ANDRADAS – MG
Tel. – Fax.: 35 37 31 16 11
Email: oblatas.provbr@yahoo.com.br
www.oblatasassuncao.wordpress.com



Éditions du Signe

1, rue Alfred Kastler – BP 10094 – Eckbolsheim – 67038 STRASBOURG CEDEX – França
Tel: +33 (0)3 88 78 91 91 – Fax: +33 (0)3 88 78 91 99
www.editionsdusigne.fr – Email: info@editionsdusigne.fr

Texto: Monique Plassard e as Irmãs Oblatas da Assunção

Diagramação: a-la-Folie

Fotografias: a Congregação;

Fotolia: p.7 (fundo): © designelements; p.14 (fundo): © Anette Linnea Rasmussen; p.15 (fundo): © Olivier Tuffé; p.22-23: © Khorzhevskia;
p.32: © Fotolia_8986733_XL; p.38 (fundo): © Chepko Danil; p.51 (fundo): © 41370648_M xy; p.61 (fundo): © kbuntu

© Éditions du Signe – 2015, 109959

Todos os direitos reservados – Reprodução proibida

ISBN: 978-2-7468-3285-5

Impresso en la U.E.